

AUSTRO-COSTA: 110 ANOS EM REVISTA

Lúcia Gaspar
Virgínia Barbosa

SUMÁRIO

- 1 **APRESENTAÇÃO**, Rita de Cássia Barbosa de Araújo 1
- 2 **AUSTRO-COSTA NA PROVÍNCIA DA POESIA**, Paulo Gustavo 3
- 3 **LINHA DO TEMPO** 10
- 4 **CASOS PITORESCOS** 11
- 5 **PSEUDÔNIMOS** 14
- 6 **ROTEIRO JORNALÍSTICO** 14
- 7 **A PRESENÇA DE AUSTRO-COSTA NO ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO** 17
 - 7.1 **Livros e Folheto** 17
 - 7.2 **Colaboração em Periódicos Pernambucanas** 17-32
 - *Almanaque do Recife Lítero-Charadístico*, 1963
 - *Alvorada*, 1926
 - *Anuário de Pernambuco*, 1934
 - *A Bisnaga*, 1915
 - *O Imprensa*, 1934
 - *Jazz-Band*, 1931
 - *Jornal do Commercio*, 1920-1921
 - *Jornal Pequeno*, 1945
 - *Mauricéa*, 1923
 - *Nordeste*, 1946
 - *A Nota*, 1920
 - *A Pilhéria*, 1923-1925
 - *Pra Você*, 1930
 - *Presente de Natal*, 1950, 1953
 - *Revista da Cidade*, 1927-1929
 - *Revista do Norte*, 1924
 - *Rua Nova*, 1926
 - 7.3 **Traduções** 32
 - 7.4 **Fotografias e Caricatura** 33
 - 7.5 **Obras Dedicadas a Austro-Costa** 33
 - 7.6 **Sobre Austro-Costa** 34
- 8 **ICONOGRAFIA** 36-39
- 9 **ÍNDICE ONOMÁSTICO E BIBLIONÍMICO** 40-50

1 APRESENTAÇÃO

Rita de Cássia Barbosa de Araújo
Historiadora e Diretora de Documentação
da Fundação Joaquim Nabuco

Austro-Costa, nascido Austriclínio Ferreira Quirino, em 1899, no município de Limoeiro situado no Agreste pernambucano, distante 77 Km do Recife, traz na biografia uma das marcas sociais de sua geração: a dos que, nascidos em cidade e vilarejos interioranos do país, entre a segunda metade do século XIX e primeira do século XX, migravam para os grandes centros urbanos, para o Recife, por exemplo, como o fez Austro-Costa ainda jovem, em busca de maiores oportunidades de estudo, trabalho e ascensão social. Como traço particular — que mais tarde revelaria ser sua verdadeira vocação profissional e seria responsável por sua memória não se desvanecer no tempo —, manifestou desde criança o gosto pela escrita, o veio poético, a capacidade de observar o mundo cotidiano e de traduzi-lo em crônicas a que deram vida os inúmeros jornais e revistas publicados em Pernambuco entre 1910 e 1950.

Embora situado na periferia do sistema econômico capitalista mundial, o Recife se destacava nos cenários nacional e regional como centro hegemônico do então chamado Norte Agrário ou região açucareira do Norte do Brasil. Terceira maior cidade do país, era mais que uma grande praça do comércio de exportação e importação, tendo no açúcar e no algodão seus dois principais produtos no comércio exterior. Além da indústria açucareira, havia outras não necessariamente vinculadas àquela: indústrias de tecido, fundação a vapor, gelos e bebidas, serrarias, prensas de algodão, cervejaria, biscoitos, massas alimentícias, doces, óleos, sabão, anil, cigarros, vidros, dentre outras.

A presença das indústrias significava a existência não apenas de uma classe dominante formada por industriais — a par dos grandes proprietários de terra e comerciantes —, mas também de uma classe trabalhadora urbana que não tardou em se organizar em sindicatos: em 1919, o operariado do Recife organizou a primeira greve geral da história local. À crescente complexidade da estrutura social urbana correspondia também o aumento de uma classe média que buscava se afirmar para além dos esquemas de compadrio e dependência dos grandes chefes políticos e oligarcas.

Culturalmente, a década 1920 — que assistiu ao desabrochar do jornalista e poeta Austro-Costa no mundo social e intelectual local —, foi marcada por conflitos e tensões entre o velho e o novo, entre a tradição e a modernidade. As grandes tendências culturais, estéticas, políticas, científicas e filosóficas, que agitavam o

mundo das artes, da cultura e das ciências nos âmbitos nacional e internacional, traduziram-se então, num surto inovador, em Regionalismo e Modernismo. Austro-Costa, poeta, esteve mais próximo do Modernismo, movimento que encontrou em Joaquim Inojosa seu maior propagador na atual região Nordeste do Brasil; enquanto Gilberto Freyre sobressaiu como o grande idealizador e difusor do Regionalismo, a seu modo modernista, como costumava dizer.

A imprensa era o principal veículo de circulação de ideias e intelectuais, escritores e poetas que se quisessem fazer notar e, quiçá, respeitar, haviam de, necessariamente, possuir vínculos com os órgãos de imprensa ou colaborar nos periódicos. Austro-Costa não fugiu à regra. Escreveu para diversos periódicos pernambucanos, desde os da grande imprensa de circulação diária aos órgãos de grupos carnavalescos e de humor, passando pela *Revista do Norte*, símbolo maior do movimento cultural inovador de matriz pernambucana: *Jornal do Recife*, *Diário de Pernambuco*, *A Pihéria*, *Pra Você*, e tantos outros. Destacou-se como um dos grandes cronistas da vida social mundana do Recife e de Olinda. Sob os pseudônimos de Afêquirino, Alcedo Tryste, Chripim Fialho, Fra-Diávolo, João da Rua Nova, João Queremista, João-do-Moka, Silvio d'Almeida, Tybaldo d'Alcazão, Tritão e X, registrou comportamentos e atitudes coletivos, o mundo da moda e da sociabilidade burguesas então emergentes no Recife dos anos 1920 e 1930: as elegantes da Rua Nova, os *flirts* nas praias e retretas de Olinda, o *footing* em Boa Viagem, os *pastoris* e *bumbas-meu-boi* do Pina, as moças alegres do Carnaval. Escritos dispersos, espalhados entre dezenas de periódicos, escondidos sob pseudônimos, impossíveis de serem identificados em sua autoria por leitores pósteros e mesmo por pesquisadores da história social e cultural, por antropólogos, sociólogos, psicólogos, que encontram nas crônicas jornalísticas fontes inestimáveis de pesquisa para a apreensão e o conhecimento de uma dada realidade histórica e social.

Ao identificarem e reunirem nesta bibliografia *Austro-Costa: 110 anos em revista*, suas organizadoras Lúcia Gaspar e Virgínia Barbosa — com o estudo introdutório de Paulo Gustavo, que contextualiza a produção poética de Austro-Costa em seu tempo e lugar — oferecem, mais que traços da biografia de um intelectual nascido e atuante em região periférica do capitalismo, um autêntico guia de pesquisa àqueles interessados em conhecer fatos cotidianos e melindres que preencheram os dias e as horas de homens e mulheres que viveram entre as décadas de 1920, 1930 e 1940, no Recife e alhures.

2 AUSTRO-COSTA NA PROVÍNCIA DA POESIA*

Paulo Gustavo**

Celebramos o aniversário de um poeta lírico cuja memória se confunde com a história do Recife e que floresceu — e *florescer* é bem o verbo apropriado para quem ficou conhecido como o poeta das *mulheres e das rosas* — nas primeiras décadas deste século. Não é muito tempo, se a nossa medida for estritamente cronológica; mas será um tempo imenso, se pensarmos nas aceleradas mudanças sociais e tecnológicas que revolucionam nossos usos e costumes.

Como se sabe — não precisamos demonstrá-lo —, a poesia de Austro-Costa está visceralmente ligada à época em que foi escrita, o que lhe confere, em alguns momentos, o charme do anacronismo, quer lingüístico, quer de comportamento mental. Seu esquecimento pelas gerações mais recentes deve-se não só à nossa famosa falta de memória, mas também (não há como negá-lo) à sua forma estética e aos valores a ela associados, sem embargo do valor intrínseco de alguns poemas antológicos. Mais que ao nosso tempo — se é que temos algum, tal a velocidade dos dias atuais — Austro-Costa pertence à história da literatura pernambucana. Mas cabe ressaltar que é com ele — existencial e humanamente íntimo de nossa cidade — que parece nascer a tradição de **cantar o Recife**, transformando a cidade num emblema de lirismo e talvez na capital brasileira mais exaltada em verso. Austro, apaixonado pelo Recife, é um símbolo humano do quanto o exercício de criação literária pode significar, efusivamente, de comunhão urbana e social.

Numa frase simples e sintética, poderíamos dizer: Austro-Costa é um grande poeta menor. Por que grande e por que menor? A aparente contradição é apenas uma entre tantas outras contradições que vamos encontrar na trajetória do poeta romântico e satírico, cujos versos, nas primeiras décadas do século, povoaram revistas e jornais do Recife. Versos que, sem dúvida, encontraram forte ressonância popular, criando para eles próprios — como testemunhou Mauro Mota — uma diversificada platéia de leitores. Porque é fato que o poeta de *Mulheres e Rosas*

* Palestra proferida na Academia Pernambucana de Letras, no dia 31 de maio de 1999, em homenagem ao centenário de nascimento do poeta pernambucano.

** Escritor pernambucano, mestre em Teoria da Literatura, autor de *Queda para o Alto; A Redenção do Acaso; Pausa para o Invisível; Quando Tudo Era Brinquedo; O Que Te Trai, O Que Te Cala; Aleluia no Caos; O Poder da Noite* e organizador da antologia *Meio-Dia Eterno*, que reúne poemas de Austro-Costa, publicada, em 1992, pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe.

teve cativo de si um público romântico e ainda enfeitado pelos ecos dos poetas do dezenove. Alguns desses poetas de grande admiração do próprio Austro: Castro Alves, Olavo Bilac, o português Antônio Nobre.

Voltemos à pergunta: por que grande e por que menor? Grande porque é uma espécie de síntese geracional ancorada na província. Grande porque capaz de momentos grandes e de alguns versos memoráveis, nos quais se cruzam influências parnasianas, românticas, simbolistas e modernistas. Mas, ao mesmo tempo menor, porque autor muito irregular em qualidade estética, o que, se biograficamente analisado, é bem compreensível num homem que foi uma espécie de *self made man*, lastreado apenas no seu inegável talento verbal, na sua impulsividade lírica e na sua capacidade de fazer amigos. Menor por ser “o mais feliz dos poetas provincianos”, sem aquele distanciamento crítico que uma formação mais sistemática e menos boêmia poderiam ter engrandecido. Menor ainda por ter se deixado, em sua poesia da maturidade, seduzir-se pelo convencionalismo da forma, deixando-nos, por vezes, a impressão de algo meramente artificioso.

Grande entre menores, talvez seja assim que Austro-Costa deva ser criticamente considerado. Por outro lado, não há que recear o adjetivo *menor* em termos de poesia, mas antes compreendê-lo com a visão de T.S. Eliot, para quem os poetas menores são aqueles que devem figurar apenas nas antologias. Isso em nada os diminui porque, a rigor, os situa numa perspectiva exigente no horizonte do tempo.

Olívio Montenegro, escrevendo sobre o autor, observou que “A poesia não lhe veio como uma refletida e árdua invenção do espírito literário, como o refinamento de um preocupado gosto artístico; veio-lhe ainda como uma expansão de sua natureza espontânea.” Vale dizer como Mauro Mota: que Austro escrevia como quem nada deve à literatura pelo que faz. Também, sob esse aspecto, foi mais uma vez boêmio, desdenhando da gravidade de uma instituição milenar como a literatura, cuja unidade tão bem foi demonstrada pelo filólogo e crítico alemão Ernst Robert Curtius.

Não obstante a despreocupação de boêmio, Austro-Costa teve, aos trancos e barrancos, uma formação literária. Uma formação “do barulho”, como ele próprio diria. Uma formação não muito diferente de colegas de geração empregados nas redações dos jornais de sua época. A imprensa foi sua grande escola e através dela pôde fazer do seu verbo um pouco de verba para a sobrevivência material.

Na imprensa, sabe-se que foi um pioneiro do que hoje se chama *colunismo social*, escrevendo, sob pseudônimo, as crônicas *Olha o Café* e *A Cidade Frívola*. Pela imprensa, pôde exibir toda a sua verve satírica, desenvolvendo uma longa série de sonetos humorísticos denominada *De Monóculo*. Pela imprensa ainda, pôde, em jornais e revistas, tornar-se uma espécie de poeta-galã, derramando-se em versos de amor para mulheres que lhe corresponderam à pose de — no dizer de Luiz do Nascimento, historiador da imprensa pernambucana — um *Castro Alves redivivo*. Um Castro Alves, naturalmente, em ponto menor e sem navios negreiros onde pudesse apostrofar o próprio Deus.

Quem o vê em fotografia de 1936 — com monóculo, cachimbo inglês, costeletas, bigodinho, trajando impecável terno — pode imaginar que o poeta se fez esteta de si mesmo, criou-se como personagem. Um personagem a que não falta a expressão cinematográfica e o gosto de aburguesadamente (sic) chocar o próprio burguês. O emigrante pobre de Limoeiro, que parecia ter vindo na cheia para o Recife — no dizer brincalhão de seu amigo Mário Melo — esforçava-se para demonstrar um polimento pessoal que os versos lingüisticamente já demonstravam. A “natureza espontânea” flagrada por Olívio Montenegro parece momentaneamente mascarada pelo gosto de uma ênfase indumentária, pelo conservadorismo de sonetos romântico-parnasianos.

À semelhança de outros poetas de sua geração e de seu tempo brasileiros, Austro-Costa mal disfarçava uma outra faceta — a de ser de fato popular, criando uma poesia satírica ao gosto do tempo e ostensivamente oposta àquela que praticava em sua formas elegantes de versejar. Alimentada pela rebeldia modernista, a musa epigramática e humorística, esta, sim, tem o sabor autêntico da própria vida. A sua própria linguagem é um à vontade que prima pelo coloquial. Através dela, fixa, documenta, caricaturiza o Recife de então, extraíndo-nos, ainda hoje, o riso da ironia e da galhofa.

No Recife daquele tempo, menor, porém bem mais harmonioso que o nosso, corriam de boca em boca, como criações de um novo Gregório de Matos, os seus **epitáfios** fulminantes, as suas quadras jocosas, os seus sonetos pitorescamente humorísticos.

Ao romântico, que por momentos aderiu, sob a influência de Joaquim Inojosa, ao modernismo paulista, vinha se somar um poeta temido pela sua inspiração

epigramática. Se o humor é prova de inteligência, logo percebemos que Austro-Costa não é apenas um poeta chorão e como que embotado pelo próprio sentimento de desencanto. Pelo contrário, é um artista que sabia rir, tinha o dom da caricatura e, por vezes, uma irreverência que beirava a excentricidade, como a que podemos encontrar nos poemas *Entre a Comuna e o Sigma; Eu...Casado?; Se eu tivesse um milhão...; Pescando; Colombina das Dúzias; Mosquito de Maiô*.

Ao lado ultra-romântico e quase monocórdico, o poeta soube somar a leveza do humor e de poemas-quase-prosa ou quase-crônicas, dispersos nas numerosas revistas da época. Por isso, Gilberto Freyre, em artigo de jornal, pôde afirmar: "Nas revistas é que seus poemas parecem-me conservar seu melhor sabor. Seu sabor menos literário e mais vivo". A observação de Freyre parece esconder uma velada ironia: pois o poeta sendo "menos literário" é justamente mais poeta e, nesse caso, talvez mais literariamente poeta no sentido mais profundo do termo.

A verdade é que Austro nem sempre soube freyrianamente equilibrar e harmonizar os seus contrários. Ao contrário: transitou por eles, dispersando-se, sem uma unidade que desse a sua obra uma grandeza unificadora, embora alimentasse subjetivamente a pretensão de reunir seus versos num livro que se chamaria *Toda a Lira*. Como escreveu muito, tendo por horizonte o próprio dia e as próprias circunstâncias, nem sempre acertou o alvo da verdadeira poesia. Não obstante, por entre a multidão de seus versos — onde não faltam sonetos, madrigais, rondéis, vilancetes, trovas — é possível identificar o brilho de alguns achados poéticos e o encanto que mostrava ser o homem um verdadeiro artista. São antológicos os sonetos *O Último Porto* — apontado pelo crítico Fausto Cunha como um dos vinte melhores da literatura brasileira — *Rondel do Poeta Desamado; A Divina Mentira; Salomé Toda de Verde; O Jardineiro Louco; A Camões*; além de poemas como *Capibaribe, meu rio; Poema da Tarde Enferma e Evocativa; Fábrica Tacaruna*, entre outros.

Em página — aliás honrosamente referendada por nosso saudoso Mauro Mota — que escrevi para a antologia, *Meio Dia Eterno*, publicada, em 1992, pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, escrevi que Austro-Costa foi um *misto de cantor popular e de homem de letras*, à semelhança de um Gregório de Matos, tal qual Nelson Werneck Sodré caracterizara este último em sua *História da Literatura Brasileira*. Com efeito, há um divórcio, pelo menos aparente, entre duas personalidades poéticas, sem embargo de a de poeta romântico e refinado se sobrepujar a de poeta trovador e satírico, coisa, como se sabe, bem ao gosto de

uma época que ainda não soubera assimilar o melhor do povo à própria cultura nacional. Austro, por esse prisma, é bem fruto de seu tempo e, nesse sentido, não soube chegar a uma síntese a que poetas mais fortes como Bandeira, Jorge de Lima, Drummond e Vinicius — para ficar em nomes conhecidos — terminariam chegando. Nesse sentido é que, ao falecer em 1953, já estava por assim dizer literariamente sobrando, como se o seu tempo artístico já tivesse passado. De fato, sob o aspecto biográfico, ao falecer romantica e prosaicamente num desastre de ônibus em que foi a única vítima fatal, o homem enquanto poeta já estava — assim nos parece — um tanto de *fogo morto*. Já iam longe os anos em que brilhara, em que florescera, em que realmente fora uma espécie de menestrel da cidade do Recife.

Com o poeta, no ano de sua morte, — alguém já o afirmou — se foi uma época do Recife. Em 1957, os bondes, tão de seus versos e de suas crônicas, saltaram dos trilhos para o silêncio. Logo em seguida, o Brasil conheceria uma nova capital. Jovens poetas como João Cabral começavam a escrever uma nova poesia. Guimarães Rosa revolucionava a nossa prosa de ficção. O próprio período da Segunda Guerra Mundial transformara a cidade, mudara os costumes, trouxera novidades. O poeta boêmio — que testemunhara, no início do século, a “epidemia das vitrolas na Cidade”, que fora, numa imitação de Olegário Mariano, o João-da-Rua Nova (onde, aliás, residira), que criticara e elogiara Getúlio Vargas e que, ainda quase menino, encantara, com seu talento verbal, o general Dantas Barreto — já ficara muito para trás.

Nesse sentido, em 1948, ao se casar com Helena Lins, e, no ano seguinte, ao entrar para a Academia Pernambucana de Letras — depois de décadas de inquietação sentimental, de boemia e de extroversão lírica — parecia encerrar um ciclo de sua vida.

Naquele ciclo, namorado de mil mulheres, parece que só tivera um grande e verdadeiro amor — o amor pelo Recife. Esta grande amada nem sempre aparece explicitamente em seus poemas e nem sempre é chamada pelo próprio nome. Em seus versos, o Recife é “A Cidade”. A intimidade com o Recife, sobretudo com o seu centro e, nesse centro com a Rua Nova — onde era uma figura do *footing*, como que autorizava-o a dizer apenas “A Cidade” como se só houvesse no mundo o próprio Recife. Se acaso alguém, ao ler-lhe um poema, perguntasse *que cidade é essa* seria, de fato, uma extravagância inominável! Mais que um tema, o Recife é uma atmosfera, é o grande pano de fundo sem o qual empalidece a poesia de

Austro-Costa. Ela é o aqui da topografia e o agora de seu tempo. Ela está implicitamente referida quer nos próprios versos, quer em títulos de poemas como estes: *Coisas do Burgo; Moças de São José; A Dor — Sobre a Cidade Adormecida; O "Catimboseiro" Ascenso* e tantos outros. Para o poeta, como escreveu num de seus melhores poemas — *Capibaribe, meu rio — o Recife é o seu sonhar*: "Capibaribe, meu rio / espelho do meu sonhar".

Num poema mais cheio de baixos que de altos — *Ao Meu Recife, de Hoje e de Amanhã* — recordaria seu amor pelo Recife, associando, numa imagem pitoresca e forte, a cidade às mulheres: "Terra amorável, de mulheres tão formosas / por quem de inveja, nos jardins, as rosas / vivem a se despentalar!"

No *Poema da Tarde Enferma e Evocativa* — um poema maduro em contraste com a juventude do autor quando o escreveu — sente-se a reverberação de um simbolismo tardio, no qual o Recife se incorpora à expressão dos sentimentos do poeta:

A Tarde é gris, enferma e fria.

*Longe, litúrgico e solene
um sino se desfaz em lágrimas, num dobre
feito de sons pungentes, doloridos
como gemidos.*

*Tarde de expiação e de melancolia!
Tarde de Antero de Quental e Paul Verlaine,
de Cruz e Souza, Mallarmé e Antônio Nobre!...
(As imagens mais novas envelhecem
de tédio, inúteis, gastas, lacrimosas...)*

*E as Sombras, languidamente, descem
despetalando místicas rosas.
Cocainômana, morfinizada,
há uma tristeza a errar por sobre tudo a esta hora,
num delírio de espasmo.
E a Cidade, que já é tão triste, em cada
esquina, em cada praça, em cada olhar, agora,
reflete uma expressão de spleen e pasmo.*

*Tarde de amargos símbolos e crises,
em pensamentos graves no ar dispersos.
Tarde para se ler a Imitação e os versos
dos poetas infelizes!*

Noutro poema, flagra à meia-noite, a intimidade noturna da melancolia do centro do Recife: "Abro a janela, espio a rua. / Duma janela de terceiro andar, / em noite velha assim, só tristeza insinua / a Cidade molhada de Luar."

Num exemplo que parece fundir a crônica e o poema, de resto muito ao gosto da época, 1929, registra: "A Cidade já era uma cigarra / ruidosa, estrídula, gritante / vadia.../ Agora, com o delírio das vitrolas, / — bolas! / sua vida de tango e de fanfarra / é uma infernal, fantástica algazarra. / A vitrola é o seu `pão de cada dia".

Num início de soneto, o recorte de um instantâneo de um tempo do Recife: "Moças de São José... Como sois belas! / Fiandeiras do Sonho e da Saudade.../ Ao vosso amor de esquinas e janelas / nenhum outro se iguala , na cidade."

Seriam, enfim, inúmeros os exemplos de que, de par com o tema do *amor incompreendido* e cortês, o Recife é um outro tema, dessa vez o de um *amor compreendido*, vivido, correspondido. Mas, em se tratando de um poeta quase que puramente instintivo como Austro-Costa, logo se nota que nada há de programático e de intelectualizado. De par com a rigidez de algumas formas poéticas, ao lado delas, ou apesar delas, continuou a existir em Austro o caráter da poesia como pura emoção e sentimento. Antônio Nobre, Castro Alves e Bilac permaneceram como seus autores tutelares. Houvesse ele, Austro, assimilado um pouco mais os signos de um mundo novo que surgia, e teríamos tido talvez um autor mais parecido com Vinicius de Moraes ou Manuel Bandeira. Este último, aliás, em sessão na Academia Brasileira de Letras, teceu, conforme registro em ata, o elogio de Austro, quando de sua morte, elogio que, infelizmente, não ficou registrado para honra do *Poeta da Província*. Esta província, onde Waldemar Lopes, no seu livro *Austro-Costa, Poeta da Província*, soube situá-lo como "precursor não intencional" do modernismo em Pernambuco. Naturalmente, a palavra *província* como que silenciosamente se contrapõe à capital, à metrópole, ao centro-sul do país, onde, decerto — supõe-se — nosso autor teria encontrado um maior polimento artístico e literário, a exemplo de outros que partiram e se estabeleceram em cidades como o Rio ou São Paulo. Eis algo de muito discutível. Não será nunca a publicação — assim nos parece — em capitais, metrópoles e grandes centros, que garantirá a qualificação artística de um autor, tornando-o maior ou melhor, sem embargo de reconhecermos que, evidentemente, os grandes centros forjam exigências e criam condições de competitividade. Não há como desconhecer que condições *extraliterárias* também fazem justiça e injustiças à literatura. Muitos são e foram universais, sendo provincianos, e muitos outros que se pretendem universais nada mais são do que caricaturas de provincianos. No caso de Austro-Costa, temos um provinciano consciente de sua condição, um provinciano com P maiúsculo que não se desfigurou em parecer o que de fato não era.

Como um Manuel Bandeira, em escala local, Austro foi um versátil e um irregular, sensível romanticamente às circunstâncias, às provocações da realidade. Para nossa presente inveja, teve um público fiel, com o qual interagiu. Bons ou ruins, seus versos foram amados e declamados, guardados em álbuns, junto com flores cúmplices de beijos e paixões. Sua excentricidade e alegrias contagiantes, os casos “folclóricos” e aventureiros que protagonizou, sua invenção de si mesmo na cidade grande e pequena que o acolheu como um filho querido, alguns de seus versos chorosos, patéticos ou risíveis, seu descaso pela glória literária, seu amor pelas mulheres — prostitutas, burguesinhas, comerciárias, professoras, artistas — com as quais, por ironia, não deixou o fruto de um filho de sangue; os muitos amigos que sempre honraram sua memória — Luiz do Nascimento, Mauro Mota, Luiz Delgado, Waldemar de Oliveira, Nilo Pereira, Waldemar Lopes, Joaquim Inojosa, Romeu Perea, tantos outros, hoje quase todos mortos, tudo isso nos faz pensar que sua vida e seu sonho não foram em vão, que cumpriram um papel e um destino. Com acerto, observa Marcos Vilaça, em recente artigo de jornal, que: “Apesar da memória fraca do brasileiro e das crises pernambucanas de despaisamento, há uma certa continuidade de Austro-Costa na consciência crítica da inteligência local.” Ainda hoje, por isso, *Vida e Sonho*, *Mulheres e Rosas*, nos falam de um tempo que também é nosso e tocam, com alguma sedução, os nossos corações finisseculares. Como esteta, como artista, o poeta acrescentou alguns signos ao imaginário e ao patrimônio recifense e pernambucano. Sobre esses signos — tantos deles voltados para uma comovida afeição ao Recife — as gerações posteriores têm encontrado raízes e espelhos que transcendem a própria figura literária e humana do poeta da província.

Recife, 22 de março de 1999.

3 LINHA DO TEMPO

- 1899** – Nasce a 6 de maio na cidade pernambucana de Limoeiro, na Zona da Mata norte do Estado.
- 1913** – Publica, no dia 15 de fevereiro, n’*O Empata*, em Limoeiro, seu primeiro poema.
- 1915** – Adota o pseudônimo de Austro-Costa, ocultando, por não soar estético, o nome verdadeiro de Austriclíno Ferreira Quirino.
- 1917** – Emigra para o Recife. Trabalha, então, nos periódicos *A Luta*, *Jornal do Recife*, *Jornal do Commercio*, *A Notícia* e *Diário de Pernambuco*.
- 1918** – Trabalha na empresa Vecchi, distribuidora de livros em fascículos.

- 1922** – Publica seu primeiro livro de poemas — *Mulheres e Rosas*.
- 1924** – Integra o Movimento Modernista em Pernambuco, liderado por Joaquim Inojosa.
- 1932** – Participa do combate à Revolução Constitucionalista.
- 1934** – Torna-se funcionário da Assembléia Legislativa de Pernambuco.
- 1945** – Publica seu segundo livro, *Vida e Sonho*, com o qual ganha o Prêmio Othon Bezerra de Mello, da Academia Pernambucana de Letras.
- 1948** – Casa-se com Helena Lins de Oliveira.
- 1949** – Toma posse na cadeira nº 5 da Academia Pernambucana de Letras.
- 1953** – Falece, no centro do Recife, vítima de um acidente de ônibus.
- 1967** – A Academia Pernambucana de Letras e o Governo do Estado de Pernambuco publicam *De Monóculo* (sonetos epigramáticos e satíricos), organizado por Luiz Delgado e com o apoio do então Chefe da Casa Civil, Marcos Vinícios Vilaça, conterrâneo do poeta.
- 1970** – É publicado o livro *Austro-Costa, Poeta da Província*, de autoria do poeta e jornalista Waldemar Lopes.
- 1994** – A Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe, publica *Meio-Dia Eterno*, antologia organizada por Paulo Gustavo.

4 CASOS PITORESCOS

- A aventura da Revolução Constitucionalista

Austro-Costa, aos 33 anos, relembra Luiz Delgado na apresentação do livro *De Monóculo*, participou da luta contra a Revolução Constitucionalista de São Paulo — a chamada “Guerra de São Paulo”. Mas nada teve de cívica, política ou de vocação militar essa aventura. Na verdade, o poeta havia terminado um noivado, e a noiva partira para a capital do país, o Rio de Janeiro. Desejoso de reatar o laço amoroso e sem dinheiro para tal viagem, viu no engajamento militar uma grande oportunidade. Sonhava que, uma vez inscrito, fosse cair em alguma função mais amena e burocrática, que lhe propiciasse o encontro com a ex-namorada. O tiro — vale quase literalmente usar a expressão — saiu pela culatra. Chegando ao Rio, foi despachado para os altos das serras, pegou uma pneumonia e quase morreu!

- Isso não é serviço pra macaco!

A época em Pernambuco era a do governador Carlos de Lima Cavalcanti. O Teatro Santa Isabel estava lotado para o lançamento, com apoio do governo do Estado, do

primeiro grupo de *jazz-band* recifense, organizado por estudantes de medicina. Segundo depoimento, em crônica, de Gilberto Osório de Andrade, nas frisas e camarotes estavam secretários de Estado, parlamentares, oficiais-generais e “até mesmo o arcebispo de Olinda e Recife, D. Miguel de Lima Valverde”. Um dos números da noite, que ia ser apresentado pela primeira vez, era o maracatu *É de Tororó*, de Capiba. A intérprete desse maracatu — relembra Gilberto Osório — “foi uma moça de invulgar beleza e de dotes plásticos gerais beirando a perfeição. [...] Direi somente que começou a dançar com excitantes meneios e que a letra do maracatu era assim: “O amor tem sido para mim liamba,/ a vida toda numa corda bamba, / camba pr’aqui e pr’acolé descamba, / Deus me livre mais de amar. / Meu coração não tem dono, / o meu destino é um ingono, / meu Deus, que muamba, / macaco me lamba / se eu nunca mais amar.” Foi aí que Austro-Costa levantou-se de sua cadeira da primeira fila e exclamou: “Minha senhora, isso não é serviço pra macaco!”

- O epitáfio de Ascenso Ferreira na Lafayette

A famosa confeitaria Lafayette, na esquina da Rua do Imperador com a 1º de março, no centro do Recife, era ponto de encontro de boêmios, jornalistas e intelectuais. Certa feita, Ascenso Ferreira, para brincar com o amigo, tinha escrito a lápis a seguinte quadra, intitulado *Epitáfio do Poeta*: “Aqui jaz o Austro-Costa / Um poeta sem segundo / Morreu atolado em bosta / Na pior bosta do mundo!”. Nesse instante, chega o próprio Austro que toma do lápis e responde à provocação da seguinte forma: “Na pior bosta do mundo / Não morri, fiquei suspenso / Pois antes de ir ao fundo / Peguei no chifre de Ascenso!”

ALGUNS SONETOS HUMORÍSTICOS

Se eu tivesse um milhão...

Se eu tivesse um milhão... Começaria
 Por afastar de mim os corta-jaca...
 Pois um milhão de saias, cada dia,
 Teria eu cá, para “comer da vaca”...

Dado o tiro no rabo da macaca,
 Daria o “fora” na Secretaria,
 E adeus! miséria de burocracia,
 Livro de ponto e paletó de alpaca...

Depois... tome prestígio na política,
 Força, importância: eu — feito mandachuva
 E as louvaminhas dos jornais, da crítica...

Mas o milhão eu dá-lo-ia inteiro
 Por uma farra ao luar com certa viúva
 Que regressou do Rio de Janeiro...

Coisas do burgo

Os escritores não produzem nada.
 Os jornalistas vão morrendo à fome...
 Quanto aos poetas (Deus meu!), morrem sem nome
 Ou fazem nome à força de burrada...

O Teatro — Arte sublima, e não chanchada,
 Algumas vezes, de pudor, se some,
 E canastrões de equívoco renome
 Vez por outra aparecem na estacada...

Só a politiquice ufana, medra.
 "Ismos" em que ninguém jamais pensou!
 Ideologias que só mesmo à pedra!

E enquanto o bom burguês, sua entre apuros,
 O Antifascismo sonha com Moscou
 E o Integralismo vai sujando os muros...

Entre a comuna e o sigma...

Tenho vários amigos comunistas,
 Mas comunistas de "café pequeno";
 Literatos alguns, de estilo ameno,
 Todos dados às letras e às conquistas...

Outros amigos tenho: integralistas,
 De mão para o ar, num indeciso aceno,
 Mas todos — almas pulcras: sem veneno,
 Incapazes de gestos extremistas...

Entre "eles", pois, mas fora do reboque,
 Vivo, há muito, a esperar o "grande choque"
 Que se anuncia aí pelas tabernas...

E, porque bem conheço a "rapaziada",
 Digo ao leitor que não haverá nada...
 — Uns só têm boca e os outros só têm pernas....

Tartufo-mor

Comunga sete vezes na semana,
 Sete vez ofende a Eucaristia,
 Mas Deus bem lhe conhece a hipocrisia
 Católica, apostólica, romana...

Vive de sacristia em sacristia,
 Mas quando sai daí — que safardana!
 Manda em mil consistórios, e os profana
 Com a sua intriga e a sua vilania.

Quem lhe haja visto, na Semana Santa,
 A estranha compunção, a opa já ruça,
 Fazendo a via-sacra na Irmandade,

Rir-se-á decerto, de torpeza tanta,
 E saberá que talho a carapuça
 Do maior dos tartufos da Cidade...

5 PSEUDÔNIMOS

A.-C.
 Afêquirino
 Alcedo Tryste
 Chrispim Fialho
 Fra-Diávolo
 João da Rua Nova
 João Queremista
 João-do-Moka
 Silvio d'Almeida
 Tybaldo d'Alcação
 Tritão
 X.

6 ROTEIRO JORNALÍSTICO*

O **poeta** *Austro-Costa* achava-se visceralmente ligado ao **jornalista** *Austro-Costa*.

Luiz do Nascimento **

- 1907** – Ainda criança, cria dois pequenos jornais escolares manuscritos, *O Ideal e O Vadio*, no município de Limoeiro, Pernambuco;
- 1913** – publica poemas, em letra de forma, nos periódicos *O Empata: Órgão Crítico, Humorístico e Noticioso* e *O Democrata*, ambos da cidade de Limoeiro, assinando como Austriclínio Ferreira Quirino;
- 1914** – redator do jornal *O Frevo: Órgão do Clube Carnavalesco Espanadores*, de Limoeiro, onde utilizou seu primeiro pseudônimo *Afêquirino*. Colaborou ainda com sonetos e crônicas em *O Mutualista: Órgão de Propaganda do Mutualismo*, também de Limoeiro;

* Para a elaboração deste Roteiro Jornalístico foram consultadas as seguintes publicações de Luiz do Nascimento: Roteiro poético-jornalístico de Austro-Costa. *Boletim da Cidade do Recife*, Recife, n.63/169, [p.12-16], jan./dez. 1957/1967 e *História da Imprensa em Pernambuco*. Recife: UFPE, 1962-1997. 14 v.

** NASCIMENTO, Luiz do. Roteiro poético-jornalístico de Austro-Costa. *Boletim da Cidade do Recife*, Recife, n.63/169, [p.15], jan./dez. 1957/1967.

- 1915** – publica três sonetos no jornal limoeirense *A Bisnaga: Órgão Carnavalesco de Grande Tiragem* e torna-se redator-secretário da *Folha do Povo*, também de Limoeiro, onde adotou o pseudônimo de *Austro-Costa*, exercendo o cargo até o primeiro trimestre de 1917. Publicou, como Austriclínio Ferreira Quirino, poemas nos jornais recifenses *O Tempo* (edição de 2 de março) e no jornalzinho literário *Alma Latina*, do bairro de Beberibe. Nessa época teve também poesias publicadas no periódico *O Malho*, do Rio de Janeiro;
- 1916** – colabora com o jornal *Limoeiro*, edição carnavalesca da *Folha do Povo* e *O Gravataense: Órgão Semanário, Imparcial, Literário e Noticioso*, do município pernambucano de Gravatá. Publica um soneto (edição de 18 março) *n'O Lidador*, de Vitória de Santo Antão;
- 1917** – publica poemas nos jornais *O Porta Voz*, de Bezerras e *n' A Columna*, de Vitória de Santo Antão. Convidado pelo jornalista Monte Sobrinho estréia no diário recifense *A Lucta*, jornal que defendia a política do general Dantas Barreto contra o governo de Manoel Borba. Escreveu, além de *sultos* e notícias, poemas e paródias assinando-os com o pseudônimo de *Tybaldo d'Alcazão*;
- 1918** - colabora com os três números do jornal *A Gazetinha*, de Luiz do Nascimento, publicado em Gravatá. Torna-se redator do *Jornal do Recife*, periódico também pró-Dantas Barreto. Colabora ainda com o *Olinda Jornal*, onde utilizou, inclusive, o pseudônimo de *Alcedo Tryste*;
- 1919** – sob o pseudônimo de *Tritão*, colabora com a seção *Entre Netuno e Vênus*, do *Jornal do Recife*, escrevendo pequenas crônicas e versos líricos sobre as mulheres das praias de Olinda e o *footing* da Praça do Carmo, além de colaborar também com os periódicos *Recife Sportivo* e *O Sorriso*;
- 1920** – organiza a seção *Crônica Elegante*, do *Jornal do Recife*, sob o pseudônimo de *Tybaldo d'Alcazão*. Começa sua colaboração no *Jornal do Comercio* do Recife publicando pequenas crônicas e poesias na seção *Registo*, sob os pseudônimos de *A.-C.*, *Austro-Costa*, *Tritão*, *Chripim Fialho* ou *Tybaldo d'Alcazão*. Apesar de convocado para o Exército, continua colaborando com crônicas para periódicos recifenses, como *Vida Moderna*. Na edição de 30 de outubro publicou no jornal *A Nota*, um poema épico intitulado *A Vontade*, onde documenta sua convocação:

*Há nove meses sereno,
Eis-me das armas no treno:
- Ombro... arma! Esquerda... volver!
.....
....se à Alemanha
Não fui, nem o meu fuzil,
Revivo, a incruenta campanha
De amar, com afeição estranha
Tudo que me diz – Brasil!*

- 1921** – Continua, durante todo o ano, a colaborar com o *Jornal do Comercio*, na seção *Registo*. Torna-se um dos redatores do jornal. Colabora também com os seguintes periódicos: *O Intransigente*, jornal apartidário, porém, bastante crítico em relação à administração do governo Manoel Borba; *Nossa Terra: Revista Ilustrada de Atualidades*, que tinha como redator Samuel Campelo e *A Pihéria*, onde permaneceu como colaborador até 1930;

- 1922** – passa a colaborar com *A Tarde*, jornal que surgiu no dia 11 de março de 1922, periódico que no seu programa diz pretender *informar, com segurança, ao público pernambucano, sobre as últimas novidades do país e do estrangeiro até as 17 horas*; *A Notícia*, um jornal diário, que tinha como missão agradar ao público e *O Dominó*, revista carnavalesca, cujo n. 2 (28/2) destaca no sumário *os sonoros versos do jovem e distinto poeta Austro-Costa*.
- 1923** – inicia sua colaboração no *Diario de Pernambuco* e cria a seção *Do Flirt, do footing da Rua Nova*, sob o pseudônimo de João da Rua Nova, na revista *A Pilhéria*, com a qual já colaborava desde 1921. Colabora também com os periódicos recifenses *Revista do Norte*, *Mauricéia*, *Estrellas de Junho* e publica n' *O Jornal*, do Rio de Janeiro um longo poema, numa edição dedicada a Pernambuco.
- 1924** – publica um poema na revista *Rua Nova: Arte, Literatura e Notícias*, que substituiu *O Fogo* e depois desaparece. Passa a colaborar com *A Renascença: Ciências, Artes e Letras*, de Olinda. Ganha o primeiro lugar no concurso de glosas carnavalescas intitulado *Bode e Coruja*, promovido pelo *Jornal do Commercio*, assinando como *Silvio d'Almeida*. Inicia a seção *Poemas Impossíveis* n' *A Pilhéria*.
- 1925** – com o pseudônimo de *João da Rua Nova* inicia sua famosa seção *De Monóculo...* dedicada a notícias, comentários e variedades (ver . Torna-se redator do *Diario de Pernambuco*.
- 1926** – começa a colaborar com a *Revista da Cidade: Órgão Cultural e de Mundanidades, Ilustrado*, onde publica dezenas de poesias até 1929 (ver bibliografia itens 20 a 125);
- 1928** – encerra sua colaboração no *Diario de Pernambuco* após uma briga com o diretor Carlos Lira Filho.
- 1930 a 1950** – a partir da Revolução de 30, sua colaboração ficou mais escassa, publicando poemas esporadicamente em suplementos de jornais e em revistas pernambucanas:
- *Prá você* (1930);
 - *O Imprensa, Verão e A Trombeta de Momo* (1933/1934);
 - *Carnavolândia e Anuário de Pernambuco* (1934);
 - *Deliciosa e Jazz-Band* (1936);
 - *Diário da Manhã* (1934, sob o pseudônimo de *João do Moka*, com a crônica *Olha o Café*);
 - *Diário da Tarde* (1933/1935, onde sob o pseudônimo de *João da Rua Nova*, publicou sonetos de sátira mundana com o título geral *De Monóculo*);
 - *Sargaço*, Olinda (1936);
 - *Pernambuco e Anuário do Nordeste* (1937);
 - *Diário da Manhã*, onde publicou seu poema vencedor do concurso sobre o tema: *As Estrelas Fechando as Pálpebras de Seda* (1938);
 - *Nosso Boletim* (1939);
 - *Presente de Natal* (1940/1953);
 - *Jornal Pequeno* (1945, publicando poemas cívicos, sob o pseudônimo de *João da Rua Nova* e quadras de crítica política, com o título de *Pau Seco*, assinando como *João Queremista*);
 - *Nordeste* (1946);

- *Clube Internacional* (1948/1949);
- *Presença* (1948/1952, participando do Conselho de Redação, desde outubro de 1948);
- *Revista do Recife* (1949);
- *Revista do Agreste, Caruaru* (1949);
- *Prá Você* (2ª fase, 1950);
- *Diário da Noite*, onde publicou o poema que venceu o concurso promovido pelo jornal sobre o tema: *Geiras [sic] Fértéis de Amor Florescendo Desejos* (1951).

7 A PRESENÇA DE AUSTRO-COSTA NO ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

7.1 Livros e Folheto

- 1 - *Vida e Sonhos*. Recife: Imprensa Industrial, 1945. 202 p. [T431; C425; LIT-2461]
- 2 - Antônio Fasanaro. Caruaru: Associação Caruaruense de Imprensa, 1954. Conferência feita por Austro-Costa em homenagem ao Sr. Antonio Fasanaro, quando da posse da Diretoria da Associação, em 15 de junho de 1953. [LIT-447]
- 3 - *De Monóculo*. Recife : Governo de Pernambuco, 1967. 133 p. Publicação póstuma. [C840; T404; LIT-958]

7.2 Colaboração em Periódicos Pernambucanas

Almanaque do Recife Lítero-Charadístico, Recife [P64 OR]

- 4 - Ao meu Recife, de hoje e de amanhã. [ano 3, p. 158-159, 1963]. Do livro *Mulheres e Rosas*.

Alvorada, Recife [Microfilme, cx. 121]

- 5 - JOÃO da Rua Nova. Hora-Mulher de chapéu à mão. [ano 1, n. 1, p. 4, 11 out. 1926].

Anuário de Pernambuco, Recife [P690 OR]

- 6 - Poema. [p. 31, 1934].

A Bisnaga, Limoeiro [Microfilme, caixa 1004]

- 7 - QUIRINO, Austriclínio Ferreira. Visão de Luz. Ao Pedro Thomas, grande amigo e ilustre colega. [p. 2, fev. 1915].
- 8 - QUIRINO, Austriclínio Ferreira. Lamúrias de palhaço. A H. Varêda e S. Barros. [p. 3, fev. 1915].

O Imprensa, Recife [Microfilme, caixa 121]

- 9 - Quarta-feira de Cinzas. [ano 2, n. 1, p. 6, 1934].

Jazz-Band, Recife [Microfilme, caixa 121]

- 10 - A última serenata de Pierrot. [ano 12, 1931]
- 11 - O soneto de colombina [ano 12, 1931]

Jornal do Commercio, Recife, ano 2, 1920. Seção Registo [Microfilme]

- 12 - X. Olinda. [n. 5, 6 jan., p. 2].
- 13 - A.-C. Rythmos de extasis. [n. 156, 9 jun., p. 3].
- 14 - A.-C. Sombras... [n. 160, 13 jun., p. 3].
- 15 - Palavras de fé. [n. 167, 20 jun., p. 2].
- 16 - A.-C. O mais forte dos três. [n. 170, 23 jun., p. 3].
- 17 - A.-C. São João [poesia]. [n. 172, 25 jun., p. 3].
- 18 - A.-C. As unhas... [n. 174, 27 jun., p. 3].
- 19 - A.-C. Romântica. [n. 175, 28 jun., p. 3].
- 20 - A.-C. Crepúsculo. [n. 176, 29 jun., p. 3].
- 21 - Por de sol [crônica]. [n. 179, 2 jul., p. 3].
- 22 - D. Violeta [poesia]. [n. 185, 8 jul., p. 3].
- 23 - A.-C. [Sem título]. [n. 188, 11 jul., p. 3].
- 24 - A.-C. [Sem título]. [n. 189, 12 jul., p. 3].
- 25 - A.-C. [Sem título]. [n. 193, 16 jul., p. 3].
- 26 - A.-C. Cantigas [poesia]. [n. 196, 19 jul., p. 3].
- 27 - A.-C. Juvenília. [n. 198, 21 jul., p. 3].
- 28 - A.-C. [Sem título]. [n. 201, 24 jul., p. 3].
- 29 - Tybaldo d'Alcação. Nel Mezzo del Camin. [n. 203, 26 jul., p. 3].

- 30 - A.-C. A velha história banal. [n. 205, 28 jul., p. 3].
- 31 - A.-C. Ao luar da madrugada. [n. 207, 30 jul., p. 3].
- 32 - Tybaldo d'Alcazão. Saudade [poesia]. [n. 209, 1º ago., p. 3].
- 33 - Tritão. Diálogos & indiscrições. [n. 211, 3 ago., p. 3].
- 34 - Tybaldo d'Alcazão. Uma fita. [n. 213, 5 ago., p. 3].
- 35 - Tybaldo d'Alcazão. Nós. [n. 216, 8 ago., p. 3].
- 36 - Tybaldo d'Alcazão. Cantares [poesia]. [n. 218, 10 ago., p. 3].
- 37 - A.-C. Uma carta. [n. 220, 12 ago., p. 3].
- 38 - Tybaldo d'Alcazão. Sem "licencia"... n. 222, 14 ago., p. 3].
- 39 - Tybaldo d'Alcazão. Diálogo inútil. [n. 224, 16 ago., p. 3].
- 40 - Tybaldo d'Alcazão. A paciência. [n. 226, 18 ago., p. 3].
- 41 - A.-C. A felicidade. [n. 228, 20 ago., p. 3].
- 42 - Quando ella vier... [n. 230, 22 ago., p. 3].
- 43 - Tybaldo d'Alcazão. [Sem título]. [n. 231, 23 ago., p. 3].
- 44 - Tybaldo d'Alcazão. Maniqui...maniqui... [n. 233, 25 ago., p. 3].
- 45 - A.-C. Chanaan. [n. 235, 27 ago., p. 3].
- 46 - A.-C. Os cysnes de Licarião. [n. 237, 29 ago., p. 3].
- 47 - A.-C. [Sem título]. [n. 239, 31 ago., p. 3].
- 48 - Tybaldo d'Alcazão. Figaro-Magarefe. [n. 241, 2 set., p. 8].
- 49 - Tybaldo d'Alcazão. Mulheres. [n. 243, 4 set., p. 8].
- 50 - Ballada de Amor. [n. 244, 5 set., p. 10].
- 51 - A.-C. Ella. [n. 247, 8 set., p. 8].
- 52 - Tybaldo d'Alcazão. Saudade. [n. 249, 10 set., p. 8].
- 53 - Tybaldo d'Alcazão. Olinda. [n. 251, 12 set., p. 10].
- 54 - Tybaldo d'Alcazão. Nossa terra...Nossa gente. [n. 253, 14 set., p. 8].
- 55 - Tybaldo d'Alcazão. Musa ignota. [n. 255, 16 set., p. 8].
- 56 - Tybaldo d'Alcazão. Às moças. [n. 257, 18 set., p. 8].
- 57 - Tybaldo d'Alcazão. Elles e ellas. [n. 259, 20 set., p. 10].

- 58 - Tybaldo d'Alcazão. Modernismo. [n. 261, 22 set., p. 8].
- 59 - Tybaldo d'Alcazão. Explica-se... [n. 262, 23 set., p. 8].
- 60 - Tybaldo d'Alcazão. O poema do solitário. [n. 263, 24 set., p. 8].
- 61 - Tybaldo d'Alcazão. Um soneto. [n. 264, 25 set., p. 8].
- 62 - Tybaldo d'Alcazão. Bilhete de um convalescente. [n. 266, 27 set., p. 8]
- 63 - Tybaldo d'Alcazão. Pelo telefone. [n.268, 29 set., p. 8].
- 64 - Tybaldo d'Alcazão. Benedicite. [n. 270, 1º out., p. 8].
- 65 - Tybaldo d'Alcazão. Ainda o príncipe... [n. 272, 3 out., p. 10].
- 66 - Tybaldo d'Alcazão. De monóculo... [n. 274, 5 out., p. 10].
- 67 - Tybaldo d'Alcazão. Aquela história... [n. 276, 7 out., p. 10].
- 68 - Tybaldo d'Alcazão. Ao sabor do mystério. [n. 278, 9 out., p. 8].
- 69 - Tybaldo d'Alcazão. De Tybaldo a Licarião Selva. [n. 281, 12 out., p. 8].
- 70 - Tybaldo d'Alcazão. Medianeiro. [n.283, 14 out., p. 8].
- 71 - Tybaldo d'Alcazão. Do ciúme. [n. 285, 16 out., p. 10].
- 72 - Tybaldo d'Alcazão. Uma carta. [n. 287, 18 out., p. 10].
- 73 - Tybaldo d'Alcazão. As vantagens da dansa. [n. 289, 20 out., p. 8].
- 74 - Tybaldo d'Alcazão. O que nós pensamos. [n. 291, 22 out., p. 8].
- 75 - A.-C. Bilhete. [n. 293, 24 out., p. 10].
- 76 - Suggestões do crepúsculo. [n. 294, 25 out., p. 3].
- 77 - Tybaldo d'Alcazão. Romantismo de hoje. [n. 295, 26 out., p. 8].
- 78 - Tybaldo d'Alcazão. Correspondência de Chrispim Fialho. [n. 297, 28 out., p. 10].
- 79 - Tybaldo d'Alcazão. Canção dos olhos verdes. [n. 299, 30 out., p. 10].
- 80 - Tybaldo d'Alcazão. O feminino de pote. [n. 301, 1º nov., p. 8].
- 81 - Tybaldo d'Alcazão. Enlevo. [n. 303, 3 nov., p. 8].
- 82 - Tybaldo d'Alcazão. Os avisos da "Tramways". [n. 305, 5 nov., p. 8].
- 83 - Tybaldo d'Alcazão. Falas... [n. 307, 7 nov. p. 10].
- 84 - Tritão. Olinda. [n. 308, 8 nov., p. 8].
- 85 - Tybaldo d'Alcazão. O combate simulado. [n. 310, 10 nov., p. 8].

- 86 - Tybaldo d'Alcazão. De um encontro. [n. 312, 12 nov., p. 8].
- 87 - Tybaldo d'Alcazão. Beijos. [n. 314, 14 nov., p. 10].
- 88 - Tybaldo d'Alcazão. Pé de anjo. [n. 316, 16 nov., p. 8].
- 89 - Tybaldo d'Alcazão. Estava escripto (Papéis velhos). [n. 318, 18 nov., p. 12].
- 90 - Tybaldo d'Alcazão. Palavras que o vento leva...[n. 321, 21 nov., p. 10].
- 91 - A.-C. Da Barraca (I). [n. 324, 24 nov., p. 10].
- 92 - A.-C. Da Barraca (II). [n. 325, 25 nov., p. 10].
- 93 - "Ferro na brasa". [n. 328, 26 nov., p. 12].
- 94 - Tybaldo d'Alcazão. Os olhos da perfídia. [n. 331, 1º dez., p. 8].
- 95 - Tybaldo d'Alcazão. Poema de ausência. [n. 333, 3 dez., p. 8].
- 96 - Tybaldo d'Alcazão. Se eu fosse Humberto... [n. 336, 6 dez., p. 8].
- 97 - Tybaldo d'Alcazão. Dansas e dansarinos. [n. 338, 8 dez., p. 8].
- 98 - Tybaldo d'Alcazão. Olhos. [n. 342, 12 dez., p. 12].
- 99 - Tybaldo d'Alcazão. Paixões de cinema. [n. 345, 15 dez., p. 12].
- 100 - Tybaldo d'Alcazão. Para substituir o foot-ball... [n. 350, 19 dez., p. 12].
- 101 - Tybaldo d'Alcazão. Falando pelo singular. [n. 351, 32 dez., p. 10].
- 102 - Tybaldo d'Alcazão. A estratégia dellas. [n. 353, 23 dez., p. 8].
- 103 - Tybaldo d'Alcazão. As economias da moda. [n. 360, 30 dez., p. 12].

***Jornal do Commercio, Recife, ano 3, 1921. Seção Registo
[Microfilme]***

- 104 - Tybaldo d'Alcazão. Noite Tenebrosa. [n. 3, 4 jan., p. 8].
- 105 - Tybaldo d'Alcazão. Cobardia (Parodia a Amado Nervo) [n. 5, 6 jan. p. 12].
- 106 - Tybaldo d'Alcazão. João Dez. [n. 7, 8 jan., p. 10].
- 107 - Tybaldo d'Alcazão. O soneto de D. Indiferença. [n. 19, 20 jan., p. 10].
- 108 - Cobardia (Amado Nervo). [n. 24, 25 jan., p. 10].
- 109 - Ballada de indiferença. [n. 33, 3 fev., p. 10].
- 110 - Ballada de Pierrot. [n. 36, 6 fev., p. 12].
- 111 - A uma colombina que eu perdi no carnaval. [n. 37, 8 fev., p. 8].

- 112 - De um romance que ninguém conhece. [n. 46, 17 fev., p. 10].
- 113 - A estalagem encantada (No álbum de Heloísa). [n. 48, 20 fev., p. 12].
- 114 - Enquanto corre o trem de ferro... [n. 52, 24 fev., p. 10].
- 115 - Num leque. [n. 54, 26 fev., p. 8].
- 116 - Tybaldo d'Alcazão. Philosophando... [n. 56, 28 fev., p. 8].
- 117 - Epopeia do amor. [n. 62, 6 mar., p. 10].
- 118 - Cantiga de ausência (num postal). [n. 65, 9 mar., p. 10].
- 119 - O bohemio das horas suaves... [n. 68, 12 mar., p. 10].
- 120 - Quando as últimas rosas emmurchecem... [n. 70, 14 mar., p. 8].
- 121 - Para quando eu for doente [n. 73, 16 mar., p. 8].
- 122 - Trovas de hoje. [n. 75, 18 mar., p. 10].
- 123 - As sugestões da neblina. Para Renato d'Alencar. [n. 76, 20 mar., p. 12].
- 124 - O último milagre. [n. 80, 24 mar., p. 12].
- 125 - Ballada da felicidade. [n. 81, 27 mar., p. 12].
- 126 - Chove, alta noite... [n. 83, 29 mar., p. 12].
- 127 - A sós com a minha arte. [n. 87, 2 abr., p. 10].
- 128 - Chrispim Fialho. Cinema. [coluna com comentários sobre cinema e a vida social do Recife] [n. 92-95, 97, 104, 106, 112, 123, 6-9, 12, 19, 21, 27 abr., e 9 maio, p. 8 ou 10].
- 129 - O milagre da saudade. [n. 102, 17 abr., p. 10].
- 130 - O segredo do vento. [n. 115, 30 abr., p. 10].
- 131 - ... Da vida. [n. 121, 6 maio, p. 8].
- 132 - Minha samaritana. [n. 122, 8 maio, p. 10].
- 133 - Chrispim Fialho. História de um alfinete de gravata... (poesia) [n. 125, 11 maio, p. 8].
- 134 - Para a dor de umas olheiras. [n. 127, 13 maio, p. 8].
- 135 - Três trovas. [n. 129, 15 maio, p. 10].
- 136 - Cantares. [n. 130, 16 maio, p. 8].
- 137 - A vida é um moinho. [n.132, 18 maio, p. 12].
- 138 - Trovas. [n. 133, 19 maio, p. 12].

- 139 - Ballada de uma cigarrilha. [n. 135, 21 maio, p. 16].
- 140 - Chrispim Fialho. Sertanejo. (Ao Leonardo Muller, depois de ouvi-lo [sic] em "Musa Matuta", no Santa Isabel). [n. 138, 24 maio, p. 10].
- 141 - Cantares. [n. 139, 25 maio, p. 16].
- 142 - Chrispim Fialho. Ao Félix das "Glosas". (Ainda sobre "Musa Matuta" ou Sertaneja. [n. 140, 26 maio, p. 10].
- 143 - Sombra e luz. Ao Raul Machado. [n. 143, 29 maio, p. 12].
- 144 - Em teu jardim, num sonho ao luar... [n. 148, 3 jun., p. 10].
- 145 - Na ara do crepúsculo... [n. 149, 4 jun., p. 8].
- 146 - Cantares. [n. 150, 5 jun., p. 12].
- 147 - Holocausto. [n. 152, 7 jun., p. 8].
- 148 - Rimas de Luar. [n. 155, 10 jun., p. 8].
- 149 - D. Neblina. [n. 156, 11 jun., p. 8].
- 150 - ... [Sem título]. [n. 160, 15 jun., p. 8].
- 151 - O luar é um beijo. [n. 162, 17 jun., p. 8].
- 152 - A torre do abandono. [n. 164, 20 jun., p. 8].
- 153 - O meu outro São João. [n. 168, 23 jun., p. 8].
- 154 - Velha ponte. [n. 173, 28 jun., p. 8].
- 155 - Ballada de uns olhos de amethysta (No álbum de Walkyria F. Lopes). [n. 174, 20 jun., p. 8].
- 156 - Minha Gioconda triste... [n. 177, 2 jul., p. 8].
- 157 - Villancete de hypocrisia. [n. 178, 3 jul., p. 12].
- 158 - Cantigas. [n. 180, 5 jul., p. 8].
- 159 - Soneto de ciúme. [n. 183, 8 jul., p. 8].
- 160 - Villancete. No álbum de Mlle. Aucelia Ribeiro ("Cacá"). [n. 185, 10 jul., p. 10].
- 161 - À inspiradora inatingível. [n. 188, 13 jul., p. 8].
- 162 - A.-C. Musa sertaneja. [n. 190, 15 jul., p. 8].
- 163 - A.-C. À Senhora do Carmo. [n. 191, 16 jul., p. 8].
- 164 - Luar, tão meu querido. [n. 194, 18 jul., p. 8].

- 165 - Esphyngue. [n. 195, 20 jul., p. 8].
- 166 - Ballada de enlevo. [n. 197, 22 jul., p. 10].
- 167 - Elegia de Angellus. [n. 200, 25 jul., p. 8].
- 168 - Trovas. [n. 202, 27 jul., p. 8].
- 169 - Soneto antigo. Ao Paulo Magalhães. [n. 206, 31 jul., p. 8].
- 170 - Às que se illudem, illudindo-me... [n. 211, 6 ago., p. 8].
- 171 - Restea mansa do sol... [n. 214, 9 ago., p. 10].
- 172 - MMe. Leviandade (Versos de Chrispim Fialho para Jayme & Altaville). [n. 218, 14 ago., p. 10].
- 173 - Depois... [n. 221, 18 ago., 10].
- 174 - Ballada a Felix d'Arvers. [n. 224, 21 ago., p. 12].
- 175 - A outra. [n. 226, 24 ago., p. 10].
- 176 - Villancete. [n. 228, 26 ago., p. 8].
- 177 - Lyra de outros tempos. [n. 231, 28 ago., p. 10].
- 178 - Volta à natureza. A Ranulpho Oliveira e Lins do Rego. [n. 233, 7 set., p. 10].
- 179 - Mademoiselle Camafeu. [n. 239, 9 set., p. 12].
- 180 - O poema da fictícia. [n. 242, 13 set., p. 10].
- 181 - A onda: a mulher. [n. 244, 15 set., p. 10].
- 182 - Canção de Dona Branca. [n. 246, 17 set., p. 10].
- 183 - As flores de Musette. [n. 248, 20 set., p. 12].
- 184 - A aspiração angustiosa. [n. 253, 25 set., p. 12].
- 185 - Daquella velha angústia... [n. 256, 28 set., p. 10].
- 186 - Comediantes. [n. 258, 1º out., p. 10].
- 187 - O poeta e o mar (fragmento). [n. 262, 6 out., p. 10].
- 188 - Flores do céu. [n. 265, 9 out., p. 10].
- 189 - Um grito na sombra. [n. 266, 11 out., p. 10].
- 190 - O luar sobre as ondas. [n. 270, 15 out., p. 10].
- 191 - O teu vestido de florões... [n. 272, 18 out., p. 10].
- 192 - Na última folha de um álbum. [n. 276, 22 out., p. 10].

- 193 - Alcedo Tryste (Papeis velhos de um sceptico romântico). [n. 279, 26 out., p. 10].
- 194 - Ballada da saudade. [n. 280, 27 out., p. 12].
- 195 - Tal como as outras. [n. 283, 30 out., p. 14].
- 196 - Trovas escriptas na areia... [n. 288, 5 nov., p. 10].
- 197 - Vai, borboleta!... (Da carteira de Chripim Fialho) [n. 291, 9 nov., p. 10].
- 198 - Num álbum em que escreveram tantos poetas... (Para ser lido pelo Enéas Alves) [n. 293, 11 nov., p. 8].
- 199 - De um sonho vão a mais (Fragmentos). [n. 296, 15 nov., p. 12].
- 200 - Essas tuas olheiras... [n. 301, 22 nov., p. 10].
- 201 - Da estrada em que ellas todas passam... [n. 304, 25 nov., p. 10].
- 202 - O luar de inverno de minh'alma (Do livro *Luar no parque da illusão*). [n. 308, 30 nov., p. 10].
- 203 - Ballada do esquecido de si mesmo. Ao Araújo Lima, affectuosamente. [n. 311, 3 dez., p. 10].
- 204 - A.-C. ?... [Sem título]. [n. 314, 7 dez., p. 10].
- 205 - Miss Frivolity. [n. 318, 11 dez., p. 12].
- 206 - Ballada da renúncia. A Jayme d'Altavilla. [n. 319, 13 dez., p. 12].
- 207 - Na alameda que o luar espiritualizava... (Para Mlle. Mariinha d'Oliveira). [n. 322, 16 dez., p. 10].
- 208 - O filho della. Para Ribeiro Couto, no "Jardim das Confidências". Do livro a sair... *Luar no parque da illusão*. [n. 324, 18 dez., p. 12].
- 209 - Dona Alegria. [n. 327, 22 dez., p. 10].
- 210 - Dona tristeza risonha. [n. 329, 23 dez., p. 8].
- 211 - O meu Natal outrora e hoje. [n. 330, 25 dez., p. 16].
- 212 - Àquella hora lilaz... [n. 332, 28 dez., p. 10].

Jornal Pequeno, Recife, ano XLVI, 1945 [Microfilme, caixas 542-645]

- 213 - Queremos brigadeiro! [n. 192, p. 5, 1º set.].
- 214 - Às barricadas. [n. 207, p. 6, 21 set.].
- 215 - JOÃO da Rua Nova. O Baile... [n. 226, p. 6, 3 out.].

Mauricéa, Recife [Microfilme, cx. 121]

- 216 - O Recife da madrugada é um poema futurista (para Joaquim Inojosa) [ano 1, n. 1, 10 nov. 1923].

Nordeste, Recife [P848 OR]

- 217 - A poesia de Austro-Costa. Conteúdo: *Antonio Nobre; Beleza e Perjúrio; O Canto do Cisne; O Último Porto; Busca, Apenas, Ser Justo...*; *A Lição da Acácia; O Ideal Noivado; Capibaribe, Meu Rio...*; *A Queimada*. Traz a reprodução da capa de *Vida e Sonho*, o livro de versos de Austro-Costa. [ano 2, n. 3, p. 11, 26 jan. 1946].

A Nota, Recife [Microfilme, caixa 121]

- 218 - Folhas românticas do meu "Diário". [ano 5, n. 192, 19 jun. 1920].

A Pihéria, Recife [P830 OR]

- 219 - JOÃO da Rua Nova. O "flirt", do "footing", da Rua Nova.
 1923 - ano 3, n. 101, p. 18-19; ano 4, n. 102, p. 16-17; n. 103, p. 15, 18;
 1924 - ano 5, n. 153, p. 28-29; n. 156-157, p. 20-21; n. 158-159, p. 20-21; n. 161, p. 20-21; n. 164, p. 16-17; n. 165, p. 24-25; n. 166, p. 16-17; 167, p. 26-27; n. 168-169, p. 22-23; n. 170, p. 24;
 1925 - ano 5, n. 171, p. 22-23; n. 172-173, p. 20-21; n. 174, p. 16-17; n. 175, p. 20-21.
- 220 - A misteriosa e doce mulher que sempre está por vir. [ano 5, n. 153, p. 35, 1924].
- 221 - Poema de um luar muito distante. [ano 5, n. 165, p. 22, 1924].
- 222 - Seis decassílabos (Antigo, Esphynges, Irmã Coruja, Tua Mão, Benedidite, De um Velho Poema que não Teve Fim). [ano 5, n. 172, p. 13, 1925].
- 223 - O poema das pálidas costureirinhas. [ano 5, n. 173, p. 22, 1925].
- 224 - Da antiga vida inútil sentimental... [ano 5, n. 175, p. 18, 1925].
- 225 - Poema de uma terça-feira de Carnaval. [ano 5, n. 178, p. 31, 1925].
- 226 - JOÃO da Rua Nova. De Monóculo... Seção com notícias, comentários e variedades.
 1925 - ano 5, março: n. 176, p. 20-21; n. 177, p. 24-25; n. 178, p. 32-33; n. 179, p. 16-17; n.180, p.20-21; n.181, p.28-29; n.182, p.24-25; abril: n.184, p.24-25; n.185-187, p. 16-17; maio: n.188-190, p. 16-17; n.191, p.24-25; n.192, p.19-20; junho: n.193, p.20-21; n.194, p.16-17; n.195, p.23-24; n.196, p.20-21;

julho: n.198, p.22-23; n.200, p.16-18; agosto: n.202, p.24-25; n.204, p.24-26; ano 6, n.205, p.68-69; n.206, p.26-27; setembro: n.207, p.16-17; n.208, p.14-15; outubro: n.211, p.20; n.212-213, p.20-21; n.214, p.16-17.

- 227 - O poema da amorosa desconhecida. [ano 5, n. 181, p. 23, mar. 1925]. Retirado do álbum de Mlle. D. M. P.
- 228 - Velho inverno, lá longe... [ano 5, n. 183, p. 23, mar. 1925].
- 229 - O poeta e a sombra ao luar, no jardim adormecido. [ano 5, n. 195, p. 23, jun. 1925].
- 230 - A que meus olhos desejaram e viram [e] Predestinado. [ano 6, n. 205, p. 47, ago. 1925]. Contem foto do autor.

Pra Você, Recife, ano 1, 1930 [P954 OR]

- 231 - O eterno trypitco banal: De Pierrot, De Arlequim, De Colombinas. [n. 2, p. 27].
- 232 - Refrão... . [n. 3, p. 27].
- 233 - Eleitor. [n. 4, p. 8].
- 234 - Três visões de Fernando de Noronha. [n. 5, p. 24].
- 235 - Alegria! [n. 6, p. 27].
- 236 - A mais varia paisagem [paisagem]... [n. 7, p. 10].
- 237 - Madrugada, longe... [n. 8, p. 13].
- 238 - Sysipho [Sisifo]. [n. 14, p. 25].
- 239 - Poemas da infância brasileira: cabra-cega. [n. 16, p. 21].
- 240 - Poemas da infância brasileira: danças de rodas (e outros "motivos") ao luar (poesia). [n. 17, p. 16].
- 241 - Poemas da infância brasileira: canto da "Senhora Viúva". [n. 18, p. 23].

Presente de Natal, Recife [P48 OR]

- 242 - A mais vaga paisagem [e] O paradoxo dos "motivos" tristes [e] Meu cachimbo... *Presente de Natal*, Recife, ano 15, p. 31, dez. 1950. Seção Página de um grande poeta. [P48 OR]
- 243 - Canto do Dia da Bandeira. *Presente de Natal*, Recife, ano 18, p.31, dez. 1953. Poema inédito publicado após sua morte. [P48 OR]

Revista da Cidade, Recife [P893 OR]

- 244 - Tristeza da cidade Bohemia [ano 2, n. 32, p. 22, jan. 1927].
- 245 - Minha Mimi Blurette sem pecado... [ano 2, n. 34, p. 16, jan. 1927].
- 246 - Melancholia [melancolia]. [ano 2, n. 37, p. 22, jan. 1927].
- 247 - Soneto para Colombina. [ano 2, n. 40, p. 19, fev. 1927]. Traz ilustração.
- 248 - Álbum. [ano 2, n. 45, p. 10, abr. 1927].
- 249 - Actrizinha [atrizinha]. [ano 2, n. 47, p. 12, abr. 1927].
- 250 - Manicure. [ano 2, n. 48, p. 20-21, abr. 1927].
- 251 - Mlle. X, minha musa de um dia. [ano 2, n. 51, p. 20-21, maio 1927].
- 252 - Dactylographia [datilografia]. [ano 2, n. 52, p. 8, maio 1927]. Traz ilustração.
- 253 - A queimada. [ano 2, n.53, p.36, maio 1927].
- 254 - Balada de amor. [ano 2, n.74, p.10, out. 1927].
- 255 - Aspiração. [ano 2, n. 57, p. 22-23, jun. 1927].
- 256 - A cidadezinha adormecida. Dedicado a Jader de Andrade. [ano 2, n.59, p.6, jul. 1927].
- 257 - Salomé toda de verde. [ano 2, n. 61, p. 25, jul. 1927]. Traz ilustração.
- 258 - Eu, você, o outro e o bonde. [ano 2, n. 62, p. 26, jul. 1927]. Traz ilustração.
- 259 - Mariza. [ano 2, n. 63, p. 18, ago. 1927].
- 260 - A linda aleijadinha da cidade. [ano 2, n. 65, p. 15, ago. 1927].
- 261 - O doido das vaidades lindas. [ano 2, n. 66, p. 6, ago. 1927].
- 262 - Na asneira alegre da tarde náutica... [ano 2, n.67, p.14, set. 1927].
- 263 - Evangelho. [ano 2, n.32, p.20-21, jan. 1927].
- 264 - Dia da Margarida. [ano 2, n.69, p.17, set. 1927].
- 265 - Que ellas o instincto e o coração me domem... [ano 2, n.70, p.23, set. 1927].
- 266 - Epigramazinho. [ano 2, n.71, p.25, out. 1927].
- 267 - Cidade-noiva. [ano 2, n.72, p.3, out. 1927].
- 268 - Olinda. [ano 2, n.75, p.23, out. 1927]. Traz foto.

- 269 - A festa das rosas. [ano 2, n.78, p.4, jan. 1927]. Seção Caixinha de Surpresas.
- 270 - Meu coração - aluga-se esta casa... [ano 2, n.79, p.12, nov. 1927]. Seção Caixinha de Surpresas.
- 271 - Eu. [ano 2, n.80, p.5, dez. 1927].
- 272 - Romantismo... [ano 2, n.81, p.10-11, dez. 1927].
- 273 - Colméia azul. [ano 2, n.82, p.5, dez. 1927].
- 274 - Boa Viagem. [ano 2, n.83, p.15, dez. 1927].
- 275 - Felinto. [ano 2, n.84, p.12, dez. 1927].
- 276 - Canção da menina triste. [ano 3, n.100, p.21, abr. 1928].
- 277 - Madrigal em oiro e esmeralda. [ano 3, n.101, p.8, abr. 1928].
- 278 - Poema de teu nome e de teu apelido. [ano 3, n.102, p.20, maio 1928].
- 279 - Última carta a felicidade. [ano 3, n.105, p.22, maio 1928]. Traz foto do autor.
- 280 - Bahia. [ano 3, n.106, p.17, jun. 1928].
- 281 - Para você. [ano 3, n.107, p.17, jun. 1928].
- 282 - A mulher que voltou... [ano 3, n.108, p.7, abr. 1928].
- 283 - Esta, a canção mais comovida... [ano 3, n.110, p.22, jun. 1928].
- 284 - Arco-íris. [ano 3, n.112, p.25, jul. 1928].
- 285 - Canto da partida. [ano 3, n.113, p.16, jun. 1928].
- 286 - Bilhete para D. Cora. [ano 3, n.114, p.25, jul. 1928].
- 287 - Orloff. [ano 3, n.116, p.12, ago. 1928].
- 288 - Cantigas para vocês todas. [ano 3, n.118, p.19, ago. 1928].
- 289 - Carta para o Willy Diniz Lewin. [ano 3, n.118, p.20-21, ago. 1928].
- 290 - Madrigais pro céu e os astros. [ano 3, n.119, p.8, set. 1928].
- 291 - Flor de gelo. [ano 3, n.120, p.27, set. 1928].
- 292 - Verão. [ano 3, n.121, p.5, set. 1928].
- 293 - Burocrata. [ano 3, n.122, p.20, set. 1928].
- 294 - Beira-mar canção. [ano 3, n.123, p.24, set. 1928].
- 295 - Felicidade. [ano 3, n.124, p.12, out. 1928].

- 296 - Mais esta carta para o Willy. [ano 3, n.125, p.17, out. 1928].
- 297 - Tristeza. [ano 3, n.128, p.21, out. 1928].
- 298 - Se eu contasse a você a dor da minha vida... [ano 3, n.132, p.25, dez. 1928].
- 299 - Sonho azul. [ano 3, n.133, p.5, dez. 1928].
- 300 - Três sonetos: Bemdita! [e] Camoneano [e] A que eu chamei Gioconda triste. [ano 3, n.134, p.21, dez. 1928].
- 301 - Tua balada. [ano 3, n.135, p.23, dez. 1928].
- 302 - Poema deste Natal. [ano 3, n.135, p.31, dez. 1928].
- 303 - Miniaturas do "Teu": Enlevo [e] Salmo [Salmo]. [ano 3, n.136, p.21, dez. 1928].
- 304 - A lapinha dos meninos do bairro pobre. [ano 3, n.85, p.21, jan. 1928].
- 305 - Cabrochinha. [ano 3, n.88, p.19, jan. 1928].
- 306 - Madrigal para a menina loira. [ano 3, n.90, p.15, fev. 1928].
- 307 - A eterna carnavalada. [ano 3, n.91, p.28, fev. 1928].
- 308 - Versos da quarta-feira de cinzas... [ano 3, n.92, p.19, fev. 1928].
- 309 - Um grito na sombra... [ano 3, n.94, p.15, mar. 1928]. Dedicado a Armando Goulart.
- 310 - Tacaruna. [ano 3, n.96, p.23, mar. 1928].
- 311 - Anacreontico. [ano 3, n.97, p.23, mar. 1928].
- 312 - Arrabalde. [ano 3, n.98, p.23, abr. 1928].
- 313 - Villancete. [ano 3, n.99, p.21, abr. 1928].
- 314 - Assim minh'alma te falasse. [ano 4, n.137, p.21, jan. 1929].
- 315 - Para o leque de você... [ano 4, n.138, p.25, jan. 1929].
- 316 - Despedidas. [ano 4, n.140, p.5, jan. 1929].
- 317 - A gloriosa certeza. [ano 4, n.141, p.13, fev. 1929].
- 318 - A última semana de Pierrot. [ano 4, n.142, p.21, fev. 1929]. Traz ilustração.
- 319 - Poema de um fim de carnaval. [ano 4, n.143, p.12, fev. 1929].
- 320 - O soneto de um "homem célebre". [ano 4, n.144, p.21, fev. 1929].
- 321 - Ciclo do filtro azul. [ano 4, n.145, p.21, mar. 1929].

- 322 - Tempestade. [ano 4, n.146, p.20-21, mar. 1929].
- 323 - Canção de Alice. [ano 4, n.147, p.14, mar. 1929].
- 324 - Poema de um outro inverno... [ano 4, n.148, p.20, mar. 1929].
- 325 - Miss Frivolity. [ano 4, n.149, p.18-19, mar. 1929].
- 326 - Decepção. [ano 4, n.150, p.20, abr. 1929].
- 327 - Natureza. [ano 4, n.151, p.10-11, abr. 1929]. Traz ilustração.
- 328 - Brinquedo. [ano 4, n.152, p.21, abr. 1929].
- 329 - Curral. [ano 4, n.153, p.21, abr. 1929].
- 330 - Anoitecer no engenho. [ano 4, n.154, p.21, maio 1929]. Traz ilustração.
- 331 - Meia noite no engenho. [ano 4, n.155, p.24-25, maio 1929].
- 332 - O rio. [ano 4, n.156, p.8-9, maio 1929].
- 333 - Batalha campal. [ano 4, n.157, p.21, maio 1929].
- 334 - O soneto da vida. [ano 4, n.160, p.12, jun. 1929].
- 335 - Coivara. [ano 4, n.161, p.21, jun. 1929].
- 336 - Carro de boi. [ano 4, n.162, p.21, jun. 1929].
- 337 - Por orgulho e pudor. [ano 4, n.163, p.16, jul. 1929]. Traz foto do autor.
- 338 - Velho engenho. [ano 4, n.163, p.37, jul. 1929].
- 339 - Asuero - Cristo da Espanha. [ano 4, n.164, p.9, jul. 1929].
- 340 - Alma em flor da canção nossa. Dedicado a Helena de Magalhães Castro. [ano 4, n.165, p.16-17, jul. 1929]. Traz foto da homenageada.
- 341 - Novena. [ano 4, n.166, p.6, jul. 1929].
- 342 - O paradoxo dos motivos "triste". [ano 4, n.167, p.6, ago. 1929].
- 343 - No dia do girassol. [ano 4, n.168, p.6, ago. 1929].
- 344 - A grande "fuzarca". [ano 4, n.168, p.8-9, ago. 1929].
- 345 - Chuva com sol. [ano 4, n.170, p.13, ago. 1929].
- 346 - Fim de novena. [ano 4, n.171, p.8-9, ago. 1929].
- 347 - Política. [ano 4, n.172, p.13, ago. 1929].
- 348 - Cabra cega. [ano 4, n.175, p.8, set. 1929].
- 349 - Literata. [ano 4, n.176, p.8, set. 1929].

Revista do Norte, Recife (Microfilme, caixa 954)

350 - Hontem, chovia... [ano 2, n. 2, 1ª quinzena jan. 1924].

Rua Nova, Recife, 1926 [P952 OR]

351 - JOÃO da Rua Nova. De Monóculo...

1926 - ano 2, n. 45, p. 22-23; n. 46-47, p. 18-19; n. 49, p. 15-16; n. 50, p. 20-21; n. 51, p. 20; n. 52, p. 25, 28; n. 53, p. 17-20; n. 55, p. 13-14.

352 - JOÃO da Rua Nova. Set-Flirt-Jazz Footing: instantâneos da cidade, o destino das caixerinhas (poesia). [ano 2, n. 42, p. 18-19, 1926].

353 - JOÃO da Rua Nova. Set-Flirt-Jazz Footing: estradas, meu santo! (poesia). [ano 2, n. 43, p. 20, 1926].

354 - JOÃO da Rua Nova. Set-Flirt-Jazz: no turbilhão da folia (poesia). [ano 2, n. 44, p. 12-13, 1926].

355 - Balada do ódio de Pierrot. [ano 2, n. 44, p. 43, 1926].

356 - Miss Shimy, a bailarina dos contrastes. [ano 2, n. 45, p. 20-21, 1926].

357 - JOÃO da Rua Nova. Na aurora do amor [e] Esta conversa com Zé Penante, [ano 2, n. 51, p. 21, 1926].

358 - JOÃO da Rua Nova. Uma vez por outra. [ano 2, n. 57, p. 7-8, 1926].

359 - Os poemas da ingênua redentora ternura. [ano 2, n. 67, p. 5, 1926].

360 - A ingênua e doce tristeza. [ano 2, n. 68, p. 5, 1926].

361 - Sarita. [ano 3, n. 79, [s. p.], 27 nov. 1926].

7.3 Traduções

362 - AMADO NERVO [Pseud. de Juan Crisostomo Ruiz de Nervo]. Cobardia. *Revista da Cidade*, Recife, ano 3, n.95, p.19, mar. 1928. [P893 OR]

363 - VILLAESPESA, [Francisco]. A canção das folhas. *Revista da Cidade*, Recife, ano 4, n.164, p.26, jul. 1929. [P893 OR]

364 - IBARBOUROU, Juana. Timoneiro do meu sonho [e] Dias sem fé. *Revista da Cidade*, Recife, ano 4, n.167, p.14, ago. 1929. [P893 OR]

365 - IBARBOUROU, Juana. Corações doloridos de sonhos [e] Dia amargo. *Revista da Cidade*, Recife, ano 4, n.171, p.14, ago. 1929. [P893 OR]

366 - CARRIEGO, Evaristo. O caminho da nossa casa. *Revista da Cidade*, Recife, ano 4, n.175, p.5, set. 1929. [P893 OR]

- 367 - AMADO NERVO. Lugar comum... *Pra Você*, Recife, ano 1, n. 12, p. 10, 1930. [P954 OR]
- 368 - ROLLINAT, Maurice. As bandeiras. *Pra Você*, Recife, ano 1, n. 15, p. 26, 1930. [P954 OR]

7.4 Fotografias e Caricatura

- 369 - NESTOR. [Austro-Costa]. *A Pilhéria*, Recife, ano 5, n.183, p.16, mar. 1925. Caricatura. [P 830 OR]
- 370 - AUSTRO-COSTA. *A Pilheria*, Recife, ano 5, n.188, p.27, maio 1925. Fotografia. [P 830 OR]
- 371 - VIDA social. *Revista de Pernambuco*, Recife, ano 2, n. 18, p. 65, dez. 1925. Fotografia de Austro-Costa entre amigos: Joel Ferreira, Maria Anunciada Rodrigues de Souza, Allyria Coutinho Moneda, Júlio Moneda, Anísio Galvão, Araújo Filho, João Pugliese, Joaquim Monteiro. [P780 OR]
- 372 - UMA RADIOSA hora de arte. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 68, p. 18-19, 1926. Fotografia com alguns amigos: Sólon de Albuquerque, Lucilo Varejão, Araújo Filho, Oswaldo Santiago, Dustan Miranda, Heloísa Chagas, Aníbal Portela, Gilliat Schettini, Stenio de As, Renato Vieira de Melo, Mário Chaves, João de Deus da Mota, Sócrates Sólon. [P952 OR]
- 373 - [AUSTRO-COSTA com grupo de intelectuais no Restaurante Torre de Londres, Recife, e numa comemoração de aniversário na residência de Mauro Mota]. Cinco fotografias p&b, 17x12cm. c1950-c1951. [MMo 195, 283, 514, 516, 518].
- 374 - O POETA em duas idades. *Presente de Natal*, Recife, ano 18, p. 33, dez. 1953. Duas fotografias: Austro-Costa com Maria Carolina e uma de suas amiguinhas da cidade de Escada, PE (3 ago. 1952), e Austro-Costa com um grupo de intelectuais: Guilherme de Almeida, Joaquim Inojosa, Araújo Filho, Góis Filho, Anísio Galvão, Oswaldo Santiago, Amauri de Medeiros e Dustan Miranda. [P48 OR]

7.5 Obras Dedicadas a Austro-Costa

- 375 - GUIMARÃES, Racine. Paizagem. Para Austro-Costa. *Jornal do Commercio*, Recife, ano 3, n. 225, 23 ago. 1921. Seção Registo, p. 10. [Microfilme]
- 376 - ALVES, Enéas. O thema sempre novo. Para Austro-Costa. *Jornal do Commercio*, Recife, ano 3, n. 292, 10 nov. 1921. Seção Registo, p. 12. [Microfilme].
- 377 - OLIVEIRA, Ranulpho. Saudade. *Jornal do Commercio*, Recife, ano 3, n. 234, 2 set. 1921. Seção Registo, p. 8. [Microfilme]
- 378 - PARENTE Viana. Bolhas de Sabão. *A Pilhéria*, Recife, ano 5, n. 161, p. 19, 1924. Dedicado a Austro-Costa. [P830 OR]

- 379 - DE Olegário Mariano para Austro-Costa. *A Pilhéria*, Recife, ano 5, n. 176, p. 23, 1925. [P830 OR]
- 380 - LAGE, Gabriel. Leganda. Dedicado a Austro-Costa. *A Pilhéria*, Recife, ano 5, n. 203, p.29, ago. 1925. [P830 OR]
- 381 - FASANARO, Antonio. Cartas [a Austro-Costa]. *A Pilhéria*, Recife, ano 6, n. 209, p.25, set. 1925. [P830 OR]
- 382 - MIRANDA, Dustan. Todo amor que é por ti (poesia, dedicada a Austro-Costa). *Rua Nova*, ano 2, n. 46, p. 11, 1926. [P952 OR]
- 383 - LOPES, Waldemar. Balada da recordação (dedicado a Austro-Costa). *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 57, p. 22, 1926. [P952 OR]
- 384 - AZEVEDO, José de. Mulher nua. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 59, p. 29, 1926. [P952 OR]
- 385 - LEWIN, Willy Diniz. Carta pro Austro-Costa. *Revista da Cidade*, Recife, ano 3, n.123, p.21, set. 1928. [P893 OR]
- 386 - BARRETO Coutinho. Indução [e] Só. Dedicado a Austro-Costa. *Presente de Natal*, Recife, ano 15, p.69, dez. 1950. [P48 OR]

7.6 Sobre Austro-Costa

- 387 - AUSTRO-COSTA. *A Pilhéria*, Recife, ano 5, n.189, p.13, maio 1925. Nota sobre o aniversário de Austro-Costa. [P830 OR]
- 388 - AUSTRO-COSTA. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 53, p. 27, 1926. Nota sobre o aniversário de Austro-Costa. [P952 OR]
- 389 - FREYRE, Gilberto. Austro-Costa, sempre moço e sempre poeta. *Jornal do Commercio*, Recife, 17 mar. 1946. [Microfilme]
- 390 - ABRANTES, Jorge. Cantiga de Amigo. *Presente de Natal*, Recife, ano 18, p.28, dez. 1953. Sobre a missa de 30º dia do falecimento de Austro-Costa. [P48 OR]
- 391 - RETRATO vivo do grande poeta. *Presente de Natal*, Recife, ano 18, p. 36-37, dez. 1953. Três fotografias: Austro-Costa ao lado de sua esposa (Helena Lins de Oliveira); o poeta com Israel Fonseca e Esdras Farias, em 1947; e, em 1940, numa pose muito sua, ao tempo do bigodinho. O texto é uma reprodução de algumas cartas e bilhetes de Austro-Costa dirigidas ao diretor do periódico *Presente de Natal*. [P48 OR]
- 392 - CALHEIROS, Salgado. Austro-Costa. *Presente de Natal*, Recife, ano 18, p.76, dez. 1953. [P48 OR]
- 393 - ESCOLA Austro-Costa. *Presente de Natal*, Recife, ano 18, p. 80, dez. 1953. Traz foto da escola que levará o nome do poeta Austro-Costa, localizada em Vicência, PE. [P48 OR]
- 394 - PÁGINA de saudade. *Presente de Natal*, Recife, ano 18, p. 32, dez. 1953. Perfil do poeta. Traz foto de Austro fardado. [P48 OR]

- 395 - MOTA, Mauro. Sobrevivência de Austro-Costa. *Diário de Pernambuco*, Recife, 30 de maio 1954. [MMo Jp 5 doc.225]
- 396 - AUSTRO-COSTA... De Monóculo. *Presente de Natal*, Recife, ano 19, p. 31, dez. 1954. Trecho do discurso pronunciado por Luiz do Nascimento quando do lançamento da plaquete com a conferência sobre Antônio Fasanaro escrita por Austro-Costa. Traz também o soneto *Eu...casado?*, de Austro-Costa. [P48 OR]
- 397 - PEREIRA, Nilo. *Elogio do poeta morto*. Recife: Imprensa Oficial, 1954. 31 p. [1319/99, LIT-547]
- 398 - NASCIMENTO, Luiz do. Roteiro poético-jornalístico de Austro-Costa. *Boletim da Cidade do Recife*, n. 63-169, p.12-21, jan./dez. 1957-1967. [P448 OR]
- 399 - DELGADO, Luiz. Lembranças de Austro-Costa. *Jornal do Commercio*, Recife, [1958]. Seção Idéias, livros e fatos. Datilografado. [MMo PIp17 doc. 159 a31 g1]
- 400 - ABRANTES, Jorge. Austro-Costa e seus amigos. 6 nov. 1959. Coluna Boa Tarde. [MMo Jp 9 doc. 473].
- 401 - MOTA, Mauro. Austro-Costa um poeta do Recife. *Nordeste*, Recife, ano 13, n. 3, [s.p.], ago./out. 1960. [P848 OR; MMO-145; MMo PIp 52 doc. 671 a31 g3].
- 402 - MOTA, Mauro. *Geografia literária*. Rio de Janeiro: INL, 1961. [869.0(81)-4 M917g ; MMO-129]
- 403 - O FATO literário. Austro. *Correio da Manhã*, Recife, 18 set. 1961. [MMo Jp 10 doc. 542].
- 404 - VILAÇA, Marcos Vinícius. Geografia literária. *Jornal do Commercio*, Recife, 22 out. 1961. [MMo Jp 10 doc. 546].
- 405 - MONTENEGRO, Francisco. Dois amigos: Padre Fernandes e Austro-Costa. *Nordeste*, Recife, ano 16, [s.p.], dez. 1963. [P848 OR]
- 406 - MOTA, Mauro. Austro-Costa. Recife, [1965]. Manuscrito. Sobre o 12º ano de falecimento de Austro-Costa. [MMo PIp52 doc. 670 a31 g3]
- 407 - ASCENSO e Pessoa. *Diário da Noite*, Recife, 6 maio 1965. [AF - JP6 DOC.114 - AIG3].
- 408 - MOTA, Mauro. *Agenda; poesia, macaco e cinema*. Recife, 26 out. 1966. [MMo PIp 43 doc. 560 a31 g2].
- 409 - MAURO lançou livro de Austro [De Monóculos]. *Diário de Pernambuco*, Recife, 28 jan. 1967. [MMo Jp 15 doc. 820].
- 410 - MOTA, Mauro. Austro-Costa (I e II). *O Jornal*, 1969. Sobre os 16 anos da morte do poeta. [MMo Jp 19 doc. 995; MMo Jp 19 doc. 996].
- 411 - LOPES, Waldemar. *Austro-Costa, poeta da província*. [S. l.: s. n], 1970. [LIT-291]

- 412 - MALTA, Paulo do Couto. Coisas da cidade. Austro. *Diario de Pernambuco*, Recife, 27 out. 1973. Sobre os 20 anos da morte do poeta. [MMo Jp 38 doc. 1.971]
- 413 - MOTA, Mauro. Austro-Costa: 20º ano de sua morte. *Caderno Moinho Recife*, Recife, n. 11, p.10-11, dez. 1973. [P301 OR]
- 414 - MOTA, Mauro. 25 anos da morte de Austro-Costa. *Diario de Pernambuco*, Recife, 15 out. 1978. [MMo Jp 54 doc. 2.803]
- 415 - CUNHA, Fausto. Austro-Costa. *Jornal do Commercio*, Recife, 29 out. 1978. Sobre os 25 anos da morte do poeta. [MMo Jp 54 doc. 2.825]
- 416 - GUSTAVO, Paulo. Austro-Costa: vida e sonho extintos há 25 anos. *Diario de Pernambuco*, Recife, 29 out. 1978. [MMo Jp 54 doc. 2.824]
- 417 - Austro-Costa morreu há 30 anos. *Jornal do Commercio*, Recife, 27 out. 1983. Caderno C. [MMo Jp 60 doc. 3.138]
- 418 - LOPES, Waldemar. *Austro-Costa no centenário de seu nascimento*. Recife: Livros de Amigos, 1999. 65 p. [572/2002]

8 ICONOGRAFIA



001 - Foto de Austro-Costa em 1922, à época do lançamento do seu primeiro livro, "Mulheres e Rosas".



002 - Paulo Torres (E) e Austro-Costa. em 1924.



003- Zulmira (?), uma das paixões do poeta. Foto de 1925.



004 - Austro-Costa em pose de 1928.



005 - Austro-Costa (D) com Joaquim Inojosa (C) e Paulo Torres, em 1924, à época do Movimento Modernista.



006 - Austro-Costa em Rezende (RJ), em 1932, durante a "Guerra de São Paulo", a Revolução Constitucionalista



007 - Austro-Costa em Rezende (RJ), em 1932, durante a "Guerra de São Paulo", a Revolução Constitucionalista.



008 - Austro-Costa em 1936 em sua época de dandismo, de monóculo e cachimbo inglês.



009 - Austro-Costa em flagrante da maturidade tirado na Rua Nova, centro do Recife.



010 - Austro-Costa com um amigo que brinca de cardiologista.



011 - Austro-Costa com uma empregada doméstica na casa de seu amigo Andrade Bezerra, no bairro de Casa Forte, no Recife.



012 - Caricatura do poeta Austro-Costa por J. Ranulpho.



013 - Flagrante do poeta Austro-Costa publicado em revista da época.

9 ÍNDICE ONOMÁSTICO E BIBLIONÍMICO*

- A.- C. 14-15, 18-21, 23, 25
A Camões . 6
À inspiradora inatingível 23
A que eu chamei Gioconda triste .30
A que meus olhos desejaram e viram 27
À Senhora do Carmo 23
A sós com a minha arte .22
A uma colombina que eu perdi no carnaval 21
Abrantes, Jorge .34, 35
Actrizinha 28
Afêquirino 2, 14
Agend;: poesia, macaco e cinema .35
Ainda o príncipe... 20
Álbum 28
Albuquerque, Sólon de .33
Alcedo Tryste 2, 14-15
Alcedo Tryste (Papeis velhos de um sceptico romântico) 25
Alegria! 27
Aleluia no Caos 3
Alma em flor da canção nossa. Dedicado a Helena de Magalhães Castro 31
Alma Latina, Recife 15
Almanaque do Recife Lítero-Charadístico, Recife 17
Almeida, Guilherme de 33
Alves, Castro 4, 5, 9
Alves, Enéas 25, 33
Alvorada, Recife 17
Amado Nervo 32-33
Anacreontico 30
Andrade Bezerra 39
Andrade, Carlos Drummond de 7
Andrade, Gilberto Osório de 12
Andrade, Jader de 28 .
Anoitecer no engenho 31
Antigo 26
Antônio Fasanaro 17
Antonio Nobre 26
Anuário de Pernambuco, Recife 16, 17
Anuário do Nordeste 16
Ao Felix das "Glosas" (Ainda sobre "Musa Matuta" ou Sertaneja) 23
Ao luar da madrugada 19
Ao meu Recife, de hoje e de amanhã 8, 17
Ao sabor do mystério 20
Aquela história... 20
Aquella hora lilaz... 25
Araújo Filho 33
Araújo, Rita de Cássia Barbosa de 1
Arco-Íris 29
Arrabalde 30
Às barricadas 25
Às moças 19
Às que se illudem, illudindo-me... 24
Ascenso e Pessoa 35
Aspiração 28
aspiração angustiosa, A 24
Assim minh'alma te falasse 30
Asuero - Cristo da Espanha 31

* Índice elaborado com a colaboração da estagiária Maria Falcão.

Austro Costa (I e II) 35
Austro-Costa [caricatura] 33, 39
Austro-Costa... De Monóculo 35
Austro Costa e seus amigos 35
Austro Costa morreu há 30 anos 36
Austro-Costa no centenário de seu nascimento 36
Austro-Costa, Poeta da Província 9, 11, 35
Austro Costa um poeta do Recife 35
Austro-Costa, sempre moço e sempre poeta 34
Austro Costa: vida e sonho extintos há 25 anos 36
Austro Costa: 20º ano de sua morte .36
avisos da "Tramways", Os 20
Azevedo, José de 34
Bahia 29
Baile... , O 25
Balada da recordação (dedicado a Austro-Costa) 34
Balada de amor 28
Balada do ódio de Pierrot 32
Ballada a Felix d'Arvers 24
Ballada da felicidade 22
Ballada da renúncia. A Jayme d'Altavilla 25
Ballada da saudade 25
Ballada de Amor 19
Ballada de enlevo 24
Ballada de indiferença 21
Ballada de Pierrot 21
Ballada de uma cigarrilha 23
Ballada de uns olhos de amethysta (No álbum de Walkyria F. Lopes) 23
Ballada do esquecido de si mesmo 25
Bandeira, Manuel 7, 9, 10
bandeiras, As 33
Barbosa, Virgínia 2
Barreto Coutinho 34
Barricadas, As 25
Barros, S. 18
Batalha campal 31
Beijos 21
Beira-mar canção 29
Beleza e Perjúrio 26
Bem dita! 30
Benedicite 20
Benedidite 26
Bilac, Olavo 4, 9
Bilhete 20
Bilhete de um convalescente 20
Bilhete para D. Cora 29
Bisnaga, A: Órgão Carnavalesco de Grande Tiragem, Limoeiro 15, 17
Boa Viagem 29
Bode e Coruja 16
bohemio das horas suaves... , O 22
Boletim da Cidade do Recife 14, 35
Bolhas de Sabão 33
Borba, Manoel 15
Brinquedo 31
Burocrata 29
Busca, Apenas, Ser Justo 26
Cabra cega 31
Cabrochinha 30
Caderno Moinho Recife, Recife 36
Calheiros, Salgado 34
caminho da nossa casa, O 32
Camoneano 30
Campelo, Samuel 15
Canção da menina triste 29

canção das folhas, A 32
Canção de Alice 31
Canção de Dona Branca 24
Canção dos olhos verdes 20
Cantares [poesia] 19
Cantares 22-23
Cantiga de Amigo 34
Cantiga de ausência (num postal) 22
Cantigas [poesia]...18
Cantigas 23
*Cantigas para vocês todas...*29
Canto da partida ...29
Canto do Cisne, O 26
Canto do Dia da Bandeira 27
Capiba [Lourenço da Fonseca Barbosa] 12
Capibaribe, Meu Rio... 6, 26
Capibaribe, Meu Rio... o Recife é o seu sonhar 8
Carnavolândia 16
Carriego, Evaristo 32
Carro de boi 31
Carta para o Willy Diniz Lewin 29
Carta pro Austro-Costa 34
carta, Uma 19-20
Cartas [a Austro-Costa] 34
Castro Alves redivivo 5
Castro, Helena de Magalhães 31
"Catimboseiro" Ascenso, O 8
Cavalcanti, Carlos de Lima 11
Chagas, Heloísa 33
Chanaan 19
Chaves, Mário .33
Chove, alta noite... 22
Chispim Fialho 2, 14-15, 22-25
Chuva com sol 31
Ciclo do filtro azul 30
Cidade Frívola, A 5
Cidade, A 7
Cidade-noiva 28
Cidadezinha adormecida, A. Dedicado a Jader de Andrade 28
Cinema [coluna com comentários sobre cinema e a vida social do Recife] ...22
Clube Internacional 17
Cobardia 32
*Cobardia (Amado Nervo)...*21
*Cobardia (Parodia a Amado Nervo) ...*21
Coisas da cidade. Austro 36
Coisas do Burgo 8, 13
Coivara 31
Colméia azul 29
Colombina das Dúzias 6
Columna, A, Vitória de Santo Anatão 15
combate simulado, O 20
Comediantes 24
Corações doloridos de sonhos 32
Correio da Manhã, Recife 35
Correspondência de Chispim Fialho 20
Couto, Ribeiro 25
Crepúsculo 18
Crônica Elegante 15
Cruz e Souza [João de] 8
Cunha, Fausto 6, 36
Curral 31
Curtius, Ernst Robert 4
cysnes de Licarião, Os 19
D. M. P. (mlle.) 27

D. Neblina 23
D. Violeta [poesia] 18
 d'Alencar, Renato 22
 D'Oliveira, Mariinha 25
Da antiga vida inútil sentimental... 26
Da Barraca (I e II) 21
Da estrada em que ellas todas passam... 25
...Da vida 22
Dactylographia [datilografia] 28
Dansas e dansarinos 21
Daquella velha angústia... 24
 Dantas Barreto [Emídio] 7, 15
De Monóculo 5, 11, 16-17, 20, 32
De Monóculo... Seção com notícias, comentários e variedades 26
De Olegário Mariano para Austro-Costa 34
De um encontro 21
De um romance que ninguém conhece 22
De um sonho vão a mais (Fragmentos) 25
De Tybaldo a Licarião Selva 20
De um Velho Poema que não Teve Fim 26
Decepção 31
 Delgado, Luiz 10, 11, 35
Deliciosa, Recife 16
Democrata, O, Limoeiro 14
Depois... 24
Despedidas 30
Dia amargo 32
Dia da Margarida 28
Diálogo inútil 19
Diálogos & indiscrições 19
Diário da Manhã 16
Diário da Noite 17, 35
Diário da Tarde 16
Diario de Pernambuco, Recife 2, 10, 16, 35-36
Dias sem fé 32
Divina Mentira, A 6
Do ciúme 20
Do Flirt, do footing da Rua Nova 16
doido das vaidades lindas, O 28
Dois amigos: Padre Fernandes e Austro Costa 35
Dominó, O 16
Dona Alegria 25
Dona tristeza risonha 25
Dor, A — Sobre a Cidade Adormecida 8
É de tororó 12
economias da moda, As 21
Elegia de Angellus 24
Eleitor 27
 Eliot, T. S. 4
Ella 19
Elles e ellas 19
Elogio do poeta morto 35
Em teu jardim, num sonho ao luar... 23
Empata, O: Órgão Crítico, Humorístico e Noticioso, O 10, 14
Enlevo 20
Enquanto corre o trem de ferro... 22
Entre a comuna e o sigma... 6, 13
Entre Netuno e Vênus 15
Epigramazinho 28
Epitáfio do Poeta 12
Epopéia do amor 22
Escola Austro-Costa 34
Esphynges 24, 26
Essas tuas olheiras... 25

Esta conversa com Ze Penante 32
Esta, a canção mais comovida... 29
Estalagem encantada, A (No álbum de Heloisa) 22
Estava escripto (Papéis velhos) 21
estratégia dellas, A 21
Estrelas Fechando as Pálpebras de Seda, As 16
Estrellas de Junho, Recife 16
eterna carnavalada, A 30
eterno trypitco banal, O: De Pierrot, De Arlequim, De Colombinas 27
Eu 29
Eu...casado? 6, 35
Eu, você, o outro e o bonde 28
Evangelho 28
Explica-se... 20
Fábrica Tacaruna 6
Falando pelo singular 21
Falas... 20
Farias, Esdras 34
Fasanaro, Antonio 17, 34-35
Fato literário, O. Austro 35
Felicidade 29
felicidade, A 19
Felinto 29
feminino de pote, O 20
Ferreira, Ascenso 8, 12
Ferreira, Joel 33
"Ferro na brasa" 21
feira das rosas, A 29
Figaro-Magarefe 19
filho della, O 25
Fim de novena 31
fita, Uma 19
"flirt", do "footing", da Rua Nova, O 26
Flor de gelo 29
flores de Musette, As 24
Flores do céu 24
Fogo, O 16
Folha do Povo, Limoeiro 15
Folhas românticas do meu "Diário" 26
Fonseca, Israel [fotografia] 34
Fra-Diávoço 2, 14
Frevo, O: Órgão do Clube Carnavalesco Espanadores, Limoeiro 14
Freyre, Gilberto 2, 6, 34
Galvão, Anísio 33
Gaspar, Lúcia 2
Gazetinha, A, Gravatá 15
Geiras Fértéis de Amor Florescendo Desejos 17
Geografia literária 35
gloriosa certeza, A 30
Góis Filho 33
Goulart, Armando 30
grande "fuzarca", A 31
Gravataense, O: Órgão Semanário, Imparcial, Literário e Noticioso 15
grito na sombra, Um 24, 30
Guimarães, Racine 33
Gustavo, Paulo 2-3, 11, 36
História da Imprensa em Pernambuco 14
História da Literatura Brasileira 6
História de um alfinete de gravata... 22
Holocausto 23
Hontem, chovia... 32
Hora-Mulher de chapéu à mão 17
Ibarbourou, Juana 32
Ideal Noivado, O 26

Ideal, O, Limoeiro 14
Imprensa, O, Recife 16, 18
Indução. Dedicado a Austro-Costa 34
ingênua e doce tristeza, A 32
 Inojosa, Joaquim 2, 5, 10, 11, 33, 37
Intransigente, O [jornal] 15
Irmã Coruja 26
"Jardim das Confidências" 25
Jardineiro Louco, O 6
 Jayme & Altaville 24
Jazz-Band, Recife 16, 18
 João-da-Rua Nova 2, 7, 14, 16-17, 25-26, 32
 João do Moka 2, 14, 16
João Dez 21
 João do Moka 2, 14, 16
 João Queremista 2, 14, 16
Jornal do Commercio, Recife 10, 15-16, 18, 21, 33-36
Jornal do Recife, Recife 2, 10, 15
Jornal Pequeno, Recife 16, 25
Jornal, O, Rio de Janeiro 16, 35
Juvenília 18
 Lage, Gabriel 34
Lamúrias de palhaço 18
lapinha dos meninos do bairro pobre, A 30
Leganda 34
Lembranças de Austro-Costa 35
 Lewin, Willy Diniz 34
Lição da Acácia, A 26
Lidador, O, Vitória de Santo Antão 15
 Lima, Araújo 25
 Lima, Jorge de 7
Limoeiro (jornal) 15
linda aleijadinha da cidade, A 28
 Lira Filho, Carlos 16
Literata 31
 Lopes, Waldemar 9-11, 34-36
 Lopes, Walkyria F. 23
luar de inverno de minh'alma, O 25
luar é um beijo, O 23
Luar no parque da illusão 25
luar sobre as ondas, O 24
Luar, tão meu querido 23
Lucta, A 10, 15
Lugar comum... 33
Lyra de outros tempos 24
 Machado, Raul 23
Mademoiselle Camafeu 24
Madrigais pro céu e os astros 29
Madrigal em oiro e esmeralda 29
Madrigal para a menina loira 30
Madrugada, longe... 27
Magalhães, Paulo 24
Mais esta carta para o Willy 30
mais forte dos três, O 18
mais vaga paisagem, A 27
mais varia paisagem [paisagem]... , A 27
Malho, O, Rio de Janeiro 15
 Mallarmé [Stéphane] 8
 Malta, Paulo do Couto 36
Manicure 28
Maniqui...maniqui... 19
 Maria Carolina ...33
 Mariano, Olegário 7
Mariza 28

Matos, Gregório de 5, 6
Mauricéa, Recife 16, 26
 Mauro lançou livro de Austro [De Monóculo] 35
 Medeiros, Amauri de 33
Medianeiro 20
Meia noite no engenho 31
Meio-Dia Eterno 3, 6, 11
Melancholia 28
 Mello, Othon Bezerra de 11
 Mello Neto, João Cabral de 7
 Melo, Mário 5
 Melo, Renato Vieira de 33
 Melo, Renato Vieira de 33
Meu cachimbo... 27
Meu coração - aluga-se esta casa... 29
meu Natal outrora e hoje, O 25
meu outro São João, O 23
milagre da saudade, O 22
Minha Gioconda triste... 23
Minha Mimi Blurette sem pecado... 28
Minha samaritana 22
Miniaturas do "Teu" Enlevo 30
 Miranda, Dustan 33-34
Miss Frivolity 25, 31
*Miss Shimy, a bailarina dos contrastes ..*32
misteriosa e doce mulher que sempre está por vir, A 26
Mlle. X, minha musa de um dia 28
MMe. Leviandade 24
Moças de São José 8
*Modernismo ...*20
 Moneda, Allyria Coutinho 33
 Moneda, Júlio 33
 Monte Sobrinho 15
 Monteiro, Joaquim 33
 Montenegro, Francisco 35
 Montenegro, Olívio 4, 5
 Moraes, Vinicius de 7, 9
Mosquito de Maiô 6
 Mota, João de Deus da 33
 Mota, Mauro 3, 4, 6, 10, 33, 35-36
 Mulher nua 34
mulher que voltou... , A 29
Mulheres 19
Mulheres e Rosas 3, 10-11, 17, 29, 36
 Muller, Leonardo 23
Musa ignota 19
"Musa Matuta" 23
"Musa Matuta" ou Sertaneja 23
Musa sertaneja 23
Mutualista, O: Órgão de Propaganda do Mutualismo, Limoeiro 14
Na alameda que o luar espiritualizava... 25
Na ara do crepúsculo... 23
Na asneira alegre da tarde náutica... 28
Na aurora do amor 32
Na última folha de um álbum 24
 Nascimento, Luiz do 5, 10, 14, 15, 35
Natureza 31
Nel Mezzo del Camin 18
 Nestor 33
No dia do girassol 31
 Nobre, Antônio 4, 8, 9
Noite Tenebrosa 21
Nordeste, Recife 16, 26, 35
Nós 19

Nossa terra...Nossa gente 19
 Nossa Terra: Revista Ilustrada de Atualidades 15
 Nosso Boletim 16
 Nota, A, Recife 15, 26
 Notícia, A 10, 16
 Novena 31
 Num álbum em que escreveram tantos poetas... 25
 Num leque 22
 Olha o Café 5, 16
 Olhos 21
 olhos da perfídia, Os 21
 Olinda 18-20, 28
 Olinda Jornal 15
 Oliveira, Helena Lins de 7, 11, 34
 Oliveira, Ranulpho 33
 Oliveira, Waldemar de 10
 onda, A: a mulher 24
 O que nós pensamos 20
 O Que Te Trai, O Que Te Cala 3
 Orloff 29
 outra, A 24
 paciência, A 19
 Padre Fernandes 35
 Página de saudade 34
 Paixões de cinema 21
 Paizagem (Para Austro-Costa) 33
 Palavras de fé 18
 Palavras que o vento leva... 21
 Para a dor de umas olheiras 22
 Para o leque de você... 30
 Para quando eu for doente 22
 Para substituir o foot-ball... 21
 Para você 29
 paradoxo dos "motivos tristes", O 27, 31
 Parente Viana 33
 Pau Seco 16
 Pausa para o Invisível 3
 Pé de anjo 21
 Pedrosa, Alves 33
 Pedrosa, Alves 33
 Pelo telefone 20
 Penante, Zé 32
 Perea, Romeu 10
 Pereira, Nilo 10, 35
 Pernambuco 16
 Pescando 6
 Philosophando... 22
 Pierrot 18
 Pilhéria, Recife, A 2, 15-16, 26, 33-34,
 Poder da Noite, O 3
 Poema 17
 poema da amorosa desconhecida, O 27
 poema da fictícia, O 24
 Poema da Tarde Enferma e Evocativa 6, 8
 poema das pálidas costureirinhas, O 26
 Poema de ausência 21
 Poema de um fim de carnaval 30
 Poema de um luar muito distante 26
 Poema de um outro inverno... 31
 Poema de uma terça-feira de Carnaval 26
 Poema de teu nome e de teu apelido 29
 Poema deste Natal 30
 poema do solitário, O 20
 Poemas da infância brasileira: cabra-cega 27

Poemas da infância brasileira: canto da "Senhora Viúva" 27
Poemas da infância brasileira: danças de rodas (e outros "motivos") ao luar (poesia) .27
poemas da ingênua redentora ternura, Os 26
Poemas Impossíveis 16
poesia de Austro-Costa, A 26
Poeta da Província 9
poeta e o mar, O (fragmento) 24
poeta e a sombra ao luar, no jardim adormecido, O 27
Poeta em duas idades, O 33
Política 31
Por de sol [crônica] 18
Por orgulho e pudor 31
Porta Voz, O, Bezerras 15
Portela, Aníbal 33
Pra Você, Recife 2, 16-17, 27, 33
Predestinado 27
Presença 17
Presente de Natal, Recife 27, 33-35
Psalmo [Salmo] 30
Pugliese, João 33
Quando as últimas rosas emmurchecem... 22
Quando ella vier... 19
Quando Tudo Era Brinquedo 3
Quarta-feira de Cinzas 18
Que ellas o instinto e o coração me domem... 28
Queda para o Alto 3
Queimada, A 26, 28
Quental, Antero de ... 8
Queremos brigadeiro! 25
Quirino, Austriclino Ferreira 1, 10, 14-15, 18
Rádiosa hora de arte, Uma 33
Ranulpho, J. 39
Recife da madrugada é um poema futurista, O (para Joaquim Inojosa) 26
Recife Sportivo 15
Redenção do Acaso, A 3
Refrão... 27
Registro 15
Rego, Lins do 24
Rego, Ranulpho Oliveira 24
Renascença: Ciências, Artes e Letras, A 16
Restaurante Torre de Londres, Recife 33
Restea mansa do sol... 24
Retrato vivo do grande poeta 34
Revista da Cidade ,... Recife 16, 27, 32, 34
Revista de Pernambuco, Recife... 33
Revista do Agreste 17
Revista do Norte, Recife 2, 16, 32
Revista do Recife 17
Ribeiro, Aucelia (Mlle.) ... 23
Rimas de Luar 23
rio, O 31
Rollinat, Maurice 33
*Romântica ...*18
Romantismo..... 29
Romantismo de hoje 20
Rondel do Poeta Desamado 6
Rosa, Guimarães 7
Roteiro poético-jornalístico de Austro Costa 14, 35
Rua Nova, Recife 16, 32-34
Ruiz de Nervo, Juan Crisostomo 32
Rythmos de extasis... 18
Sá, Stenio de ... 33
*Salomé toda de verde ...*6, 28
Santiago, Osvaldo 33

Santiago, Osvaldo 33
 São João [poesia]... 18
 Sargaço 16
 Sarita ...32
 Saudade ...19
 Saudade. Para Austro-Costa 33
 Schettini, Gilliat 33
 Se eu contasse a você a dor da minha vida... 30
 Se eu fosse Humberto... 21
 Se eu tivesse um milhão... 6, 12
 segredo do vento, O 22
 Seis decassílabos 26
 Sem "licencia".....19
 [Sem título]... 18-19, 23, 25
 Sertanejas (ao Leonardo Muller, depois de ouvi-lo em "Musa Matuta", no Santa Isabel)
 Sertanejo ...23
 Set-Flirt-Jazz Footing: estradas, meu santo! (poesia)... 32
 Set-Flirt-Jazz Footing: instantâneos da cidade, o destino das caixerinhas (poesia) 32
 Set-Flirt-Jazz: no turbilhão da folia (poesia) ...32
 Silvio d'Almeida 2, 14, 16
 Sisifo 27
 Só 34
 Só. Dedicado a Austro-Costa... 34
 Sobrevivência de Austro Costa 35
 Sodré, Nelson Werneck 6
 Sólon, Sócrates ...33
 Sombra e Luz: Ao Raul Machado 23
 Sombras... 18
 Soneto antigo. Ao Paulo Magalhães 24
 soneto da vida, O 31
 Soneto de ciúme ...23
 soneto de colombina, O ...18
 soneto de D. Indiferença, O ... 21
 soneto de um "homem célebre", O ...30
 Soneto para Colombina ...28
 soneto, Um 20
 Sonho azul ...30
 Sorriso, O 15
 Sós com a minha arte, A 22
 Souza, Maria Anunciada Rodrigues de 33
 Sugestões da neblina, As. Para Renato d'Alencar 22
 Sugestões do crepúsculo ...20
 Sysipho [Sisifo]... 27
 Tacaruna 30
 Tal como as outras 25
 Tarde, A 16
 Tartufo-mor 13
 Tempestade 31
 Tempo, O, Recife 15
 teu vestido de florões... , O 24
 thema sempre novo, O 33
 Thomas, Pedro 18
 Timoneiro do meu sonho ...32
 Toda a Lira 6
 Todo amor que é por ti 34
 torre do abandono, A 23
 Torres, Paulo 30, 33, 36-37
 Três trovas 22
 Três visões de Fernando de Noronha 27
 Tristeza ...30
 Tristeza da cidade Bohemia 28
 Tritão 2, 14-15, 19-20
 Trombeta de Momo, A 16
 Trovas 22, 24

Trovas de hoje 22
Trovas escriptas na areia... 25
*Tua balada ...*30
Tua Mão 26
 Tybaldo d'Alcação 2, 14-15, 18-22
Última carta a felicidade 29
última semana de Pierrot, A... 30
última serenata de Pierrot, A 18
*último milagre, O...*22
último Porto, O 6, 26
unhas... , As.
Vadio, O, Limoeiro 14
Vai, borboleta!... 25
 Valverde, Miguel de Lima 12
vantagens da dansa, As 20
 Varêda, H. 18
 Varejão, Lucilo 33
 Vargas, Getúlio 7
velha história banal, A 19
Velha ponte 23
Velho engenho 31
Velho inverno, lá longe... 27
 Verão 16
 Verão 16, 29
 Verlaine, Paul 8
Versos da quarta-feira de cinzas... 30
vez por outra, Uma 32
 Viana, Parente 33
Vida e Sonho 10-11, 17, 26
vida é um moinho, A 22
Vida Moderna 15
*Vida social ...*33
 Vilaça, Marcos Vinícius ...10-11, 35
 Villaespesa, [Francisco] 32
Villancete 23-24, 30
*Villancete de hypocrisia ...*23
*Villancete. No album de Mlle. Aucelia Ribeiro ("Cacá") ...*23
*25 anos da morte de Austro Costa ...*36
Visão de Luz (Ao Pedro Thomaz, grande amigo e ilustre colega) 18
Volta à natureza. A Ranulpho Oliveira e Lins do Rego 24
Vontade, A 15
 X. 2, 14, 18
 Zulmira 37